

N.

00737



**ESTADO DO PARANÁ**  
SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA  
DEPARTAMENTO DA POLÍCIA CIVIL  
DIVISÃO DE SEGURANÇA E INFORMAÇÕES

**DOCUMENTOS/INFORMAÇÕES REFERENTES À:**

CIRCULO FEMINISTA DE  
LONDINA



Confidencial

INFORMAÇÃO nº 049/79 - ASI/FUEL

DATA: 20.03.79

ASSUNTO: DEBATE " A MULHER E O TRABALHO"

ORIGEM: ASI/FUEL

REFERÊNCIA: -----

DIFUSÃO ANTERIOR: -----

ANEXOS: Cópia xerox de jornal---

DIFUSÃO: DSI/MEC - DSI/SSP/PR -



1.

Em comemoração ao Dia Internacional da Mulher, o Departamento Feminino do Comitê Londrinense pela Anistia e Direitos Humanos, promoveu no dia 10 do corrente mês, no auditório da Secretaria de Educação e Cultura do Município de Londrina um debate sobre o tema: "A MULHER E O TRABALHO".

1.1

Ao evento compareceram cerca de 40 pessoas do sexo feminino, destacando-as representantes da Cooperativa de Jornalismo "Cop-Jornal do Paraná", DCE/LIVRE de Londrina, Comitê Londrinense pela Anistia e Direitos Humanos, Associação Paranaense de Proteção e Melhoria do Meio Ambiente "APPEMMA", Sindicato dos Condutores Rodoviários de Londrina, União Londrinense de Estudantes Secundários (ULES) e Associação dos Professores Licenciados do Paraná (APLP).

1.2

O debate contou com 7 participantes, que analisaram a questão dando ao mesmo tempo depoimentos pessoais, os quais eram intercalados com denúncias de arbitrariedades contra mulheres que se encontram presas.

1.3

As debatedoras foram:

- Benedita Pini - Professora;
- Benedita Marques de Araujo - Professora
- Vera Manela Cordeiro - Advogada e Vereadora;
- Beatriz Xavier - Auxiliar de Enfermagem;
- Neusa Cordoni - Socióloga;
- Dulcinéia Felizardo Novaes - Jornalista
- Barbara Turini - Médica;

Todas são elementos de tendências esquerdistas, e ativas nos Movimentos pela Anistia.

1.4

No recinto foi montado um mural mostrando a situação da mulher na sociedade e um outro dedicado a criança,

"segue"

O destinatário é responsável pela manutenção do sigilo deste documento (Art. 12 Dec. n.º 79.099/77 - Regulamento de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos).

D. O. P. S.

PROTOCOLO

N.º 497/79


SEÇÃO DE INFORMAÇÕES

Confidencial

Anotare

Pasta: Circuito Feminista  
de Loureina

Em 22-03-79

  
Anotado em 10/05/79  
Conforme Inf. nº 255  
PMR de 27/03/79  
Ruy Santos

**Confidencial**

em seu ano internacional.

## 1.5

Durante os debates a Jornalista Linda Bulik, editora do Caderno 3 da Folha de Londrina, colaboradora do Jornal Brasil Mulher e uma das fundadoras juntamente com Joana D'arc Bizzoto Lopes do Movimento Feminino pela Anistia em Londrina, lançou a idéia da criação de um círculo feminista, que viria contribuir para a existência de vasto movimento de libertação:

Ao fazer sua proposta Linda Bulik afirmou ser este "O momento de lutarmos pela liberdade da Mulher".

## 1.6

Foram identificados as seguintes participantes do debate:

- Linda Bulik;
- Benedita Marques de Araujo;
- Vera Manela Cordeiro;
- Beatriz Xavier;
- Neusa Cordoni;
- Barbara Turini;
- Dulcinéia Felizardo Novaes;
- Ednéia Maria Machado;
- Benedita Pini;
- Maria Alice Pavan;
- Vera Lucia Marvulle;
- Joana dos Santos;
- Mariza Rosana Jacob;
- Maria Oliveira de Sousa;
- Solange Bueno Paoliello;
- Rose de Oliveira Arruda;
- Edilamar Andrade Ribas;
- Mirian Saiki;
- Elza Pereira Correia;
- Elenice Pimentel Pelegrini;
- Kazuko Ohara;
- Fernanda Giran;
- Maria Helena Covezzi;
- Maristela Geralda Galvão;
- Anavaly Pelegrini;
- Edezina de Lima Oliveira;
- Joselina do Nascimento Passos.

O destinatário é responsável pela manutenção do sigilo deste documento (Art. 12 Dec. nº 79.099/77 Regulamento de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos).

**Confidencial**

## 1.7

"segue"

Foi marcada uma reunião para o dia 17 próximo, com o objetivo de tratar da criação do "Círculo Feminista de Londrina".

---

**Confidencial**



O destinatário é responsável pela manutenção do sigilo deste documento (Art. 12 Dec. nº 79.099/77 Regulamento de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos).



INFORMAÇÃO nº 050/79 - ASI/FUEL

DATA: 20.03.79

ASSUNTO: "CÍRCULO FEMINISTA DE LONDRINA"

ORIGEM: ASI/FUEL

REFERÊNCIA: Info nº 049/79 - ASI/FUEL

DIFUSÃO ANTERIOR: ----

ANEXOS: Cópia xerox de recorte de jornal---

DIFUSÃO: DSI/MEC - DSI/SSP/PR --%

Confidencial

1.

Em complemento ao info de referência este OI, informa que no dia 17 do corrente mês por volta das 20:00 horas foi realizada na residência do ex-presidente do DCE/FUEL, localizada a Rua Cambará, nº 750 em Londrina, uma reunião feminista para a criação do "Círculo Feminista de Londrina" dentro dos propósitos da (MLM) Movimento de Libertação da Mulher (anexo 1)

1.1

Ao evento compareceram as principais lideranças do movimento, entretanto em número bem menor, que as que compareceram a reunião realizada no dia 10.

1.2

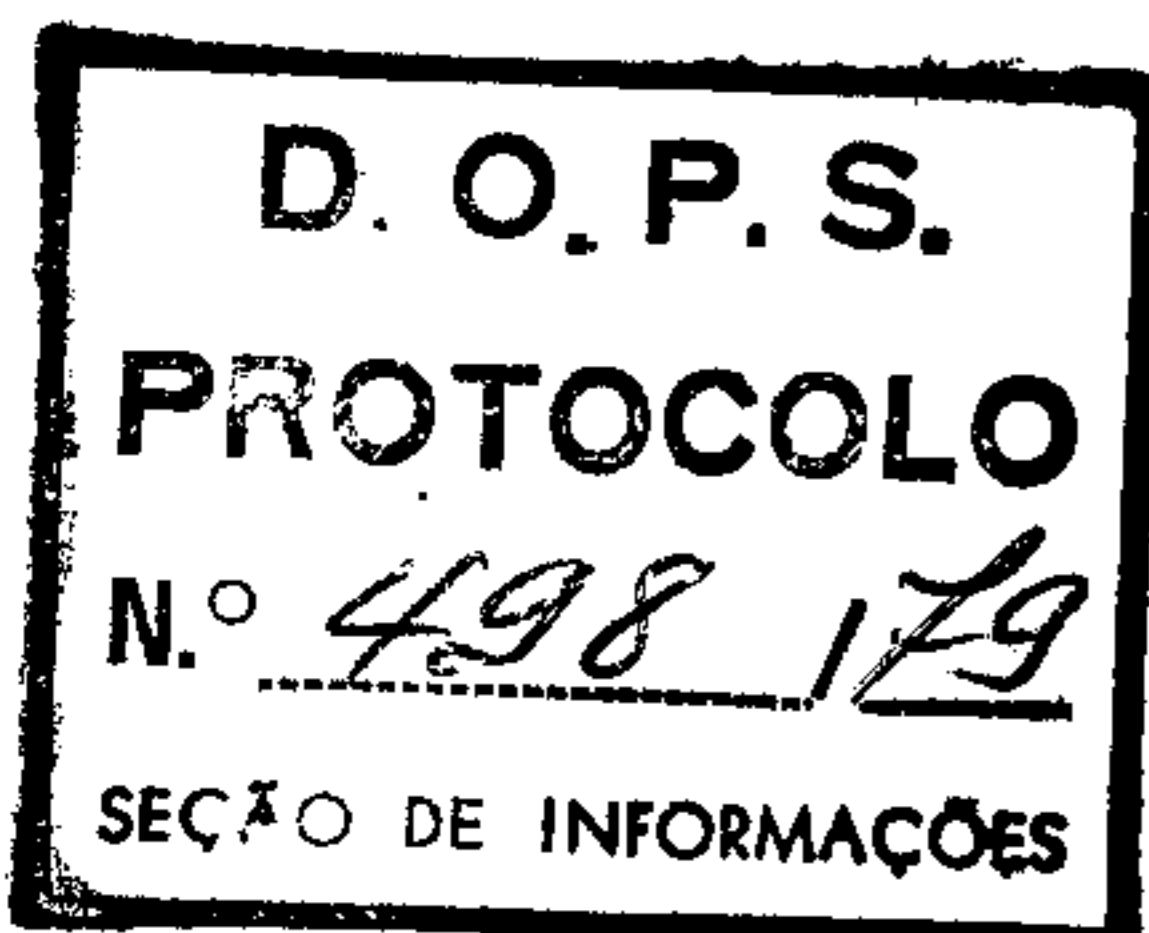
A reunião foi presidida por Linda Bulik, a qual historiou a origem do MLM, sua importância e evolução, bem como o estágio atual na Europa, (na ocasião relatou suas experiências vividas em País, quando ali tomou parte ativa no referido movimento).

1.3

Apresentou durante a reunião uma proposta em termos concretos para a criação do (C.F.M.L.) Círculo Feminista de Londrina, através de objetivos e normas de funcionamento (anexo 02).

1.4

Segundo Linda Bulik "A Carta de Princípios" será a base fundamental da nova entidade sendo necessário que cada nova sócia, endosse e acate o referido documento, como condição essencial para ingresso no referido club.



O destinatário é responsável pela manutenção do sigilo desta informação (Art. 12 Dec. nº 79.099/77 Regulamento de salvaguarda de Assuntos Sigilosos).

Confidencial



Confidencial

ENCAMINHAMENTO nº 034/79 - ASI/FUEL

DATA: 20.03.79  
ASSUNTO: LINDA BULIK  
ORIGEM: ASI/FUEL  
REFERÊNCIA: Info n.ºs. 049 e 050/79 - ASI/FUEL  
DIFUSÃO ANTERIOR: -  
ANEXOS: Cópia xerox de jornal---  
DIFUSÃO: DSI/MEC - DSI/SSP/PR -



1.

Em complemento as informações de referência este OI encaminha para conhecimento e análise cópias xerox de matérias inseridas no Jornal "Folha de Londrina", edição de 18.03.79 no caderno 3, cuja editora é a Jornalista Linda Bulik.

1.1

A nominada está promovendo um movimento para a criação do Círculo Feminista de Londrina, com apoio de várias entidades de tendências esquerdistas.

O destinatário é responsável pela manutenção do sigilo deste documento (Art. 12 Dec. n.º 79.099/77 Regulamento de Salvaguarda de Assuntos Sigilosos).

Confidencial

D. O. P. S.  
PROTOCOLO  
496/79  
SEÇÃO DE INFORMAÇÕES

JORNAL: Folha de Londrina  
DATA: 13/3/79

6

## Mulheres estudam fundação de um Círculo Feminista

No debate realizado na noite de sábado no auditório da Secretaria de Educação e Cultura sobre "A Mulher e o Trabalho" — promovido pelo Comitê Londrinense pela Anistia e Direitos Humanos, em comemoração ao Dia Internacional da Mulher — a jornalista Linda Bulik, editora do "Caderno 3" da "Folha", lançou a idéia de criação, em Londrina, de um Círculo Feminista que, conforme informou, viria contribuir, entre outras coisas, para a existência de um vasto movimento de libertação. Na oportunidade já foram realizadas algumas discussões preliminares, mas a proposta será analisada mais a fundo neste próximo sábado, em local e hora ainda serem definidos.

A reunião foi a primeira tentativa do Comitê de tentar "despertar" a mulher para sua situação em casa e no trabalho. Assim, com o pequeno auditório quase totalmente lotado, 7 mulheres analisaram a questão, dando ao mesmo tempo depoimentos pessoais. Foram elas as professoras Benedita Pini e Benedita Marques, a vereadora Vera Maheta, a auxiliar de enfermagem Beatriz Xavier,

a socióloga Neuza Cordoni, a jornalista Dulcinéia Novaes e a médica Bárbara Turini. Os depoimentos foram intercalados com denúncias de arbitrariedades contra mulheres que se encontram presas, além de ter sido montado ali também um mural mostrando a situação da mulher na sociedade — e um outro dedicado à criança, pelo fato de este ser o Ano Internacional da Criança. O debate foi realizado também porque Londrina foi uma das primeiras cidades do interior a fazer parte da imprensa feminista, com o jornal "Brasil-Mulher", organizando posteriormente seu Movimento Feminino pela Anistia, no ano de 75.

### O CÍRCULO

Ao fazer sua proposta, Linda Bulik afirmou ser este "o momento de lutarmos pela liberdade da mulher", acrescentando que o Círculo Feminista teria por um de seus objetivos "desmanchar" essa imagem veiculada pela imprensa burguesa e pela grande imprensa de que a mulher é desculpada contra o homem. "É o momento

de desmanchamos essa idéia". A entidade visaria contribuir para que haja uma participação maior da mulher em todos os níveis, segundo Linda Bulik. Para ela, o Círculo poderia participar também de determinadas lutas políticas, como, por exemplo, a que se trava hoje pela anistia e direitos humanos — além de denunciar "todo e qualquer tipo de repressão à mulher".

De acordo com a jornalista, o Círculo não se propõe a "combater o machismo" ou contra o homem, mas sim "contra um sistema de valores que também é vítima". Ela também citou a experiência que teve com o Círculo de Mulheres em Paris, onde Linda Bulik disse que a entidade local seria formada por todos os interessados que quiserem participar. Ela também mencionou uma carta de Pinkoiót, que foi lida na reunião, e afirmou que a divulgação e ampliação do movimento, seria feita a publicação de um jornal, além de ser efetuado um trabalho "lento e gradual" até mesmo entre as mulheres da periferia, através do qual se tentaria mostrar a necessidade de participação.

A princípio, algumas participantes do debate sustentaram a proposta preliminar afirmando, sob este aspecto, ser necessária uma discussão maior e mais profunda sobre os problemas da mulher, para, em consequência, se observar a necessidade de organização do Círculo. Na discussão que se travou, a professora Benedita Marques disse que "o papel revolucionário, o papel transformador, está realmente com a mulher". Na opinião de Linda Bulik enquanto as mulheres não se unirem para uma luta concreta, pouca coisa será feita: "Não podemos — dizia ela — esperar que a nossa libertação venha das mãos do homem". Por sua vez, a socióloga Neuza Cordoni afirmou que "as lutas feministas surgem em países desenvolvidos, onde as necessidades básicas já foram superadas" — motivo pelo qual ela dizia duvidar que o movimento chegue realmente à mulher "porque aqui ela ainda tem essas necessidades básicas". Para outras, entretanto, o que existe, "é um preconceito contra o feminismo, porque ele é visto de uma forma muito pejorativa".



Uma das participantes afirmou que um dos problemas primordiais da mulher é a independência econômica: "Se a mulher não ganha um salário maior ou igual ao do homem, ficará sempre em posição secundária". Ainda com referência à proposta, observou-se — quanto ao fato de o trabalho vir a ser levado para a periferia — se este não seria apenas um movimento de classe média, "levando-se para o proletariado uma bandeira que não é dele". "Mas os bóias-frias, por exemplo — disse a professora Benedita Pini — têm reivindicações a fazer, mas não sabem como levá-las". As discussões até o final do debate giraram praticamente em torno da proposta, acreditando-se que no próximo sábado já se obtenha uma definição sobre a validade de se levar este movimento adora.



# Um Círculo Feminista em Londrina (Fundação, funcionamento e objetivos)

LINDA EDLIK

CONSIDERANDO a realidade brasileira de hoje com todas as contradições que ela comporta;

CONSIDERANDO a crença internacionalista de que a opressão da mulher é universal e milenar, mas também respeitando-se as particularidades étnicas, sócio-culturais, políticas, linguísticas etc., no quadro das quais esta opressão ocorre;

CONSIDERANDO que as histórias do MLM se repetem e até coincidem não obstante o tempo e o espaço;

CONSIDERANDO que "não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência";

CONSIDERANDO que a luta das mulheres é específica e autônoma

## PROPONHO:

A criação de um grupo de libertação da mulher, que através de seu funcionamento e do cumprimento de seus objetivos venha a contribuir para a existência de um vasto MLM no Brasil.

## OBJETIVOS: (sem ordem de importância)

1. TRATAR Dos problemas específicos da mulher dentro do quadro da luta de classes, de forma autônoma, contribuindo para aumentar a sua participação na vida econômica, política, social e cultural do país;

10. ABRIR o grupo a todas as mulheres trabalhadoras, no sentido mais amplo da palavra, desde que estejam de acordo com os nossos objetivos e apoiem nossas lutas que é a luta de todos os brasileiros.

## FUNCIONAMENTO:

1. ESTABELEÇER uma Carta de Princípios, flexível, podendo ser mudada segundo o amadurecimento e evolução do grupo;

2. PRESERVAR a especificidade da luta das mulheres, assegurando sua autonomia em relação a partidos e organizações políticas. Proponho a realização de um documento, esclarecedor, sobre o assunto;

3. CRIAR uma dinâmica de grupo (a ser discutida posteriormente) e cuja necessidade é estabelecer uma coesão entre as que têm mais e as que têm menos consciência feminista, como primeira condição para chegar-se a garantir uma situação de homogeneidade dentro do movimento;

4. CRIAR subgrupos de trabalho (dependendo do número de participantes ou militantes) a fim de permitir uma maior racionalização no funcionamento do movimento;

5. PROVIDENCIAR uma sala, em Londrina, onde serão realizadas as reuniões, assembleias e onde o MLM atenderá às solicitações e problemas de toda a ordem;

2. DESENVOLVER um trabalho, no nível da consciência e da ação, que possibilite à mulher o questionamento e a busca de sua verdadeira entidade;

3. ENCAMPAR diferentes bandeiras de luta tais como: a anistia ampla, geral e irrestrita, aborto, creches, saúde comunitária etc;

4. DENUNCIAR todo e qualquer tipo de utilização da mulher (quer pela propaganda política, quer pela publicidade), a violência quotidiana, a repressão sexual, a situação específica das mulheres presas, torturadas, violadas nas prisões e fora delas;

5. COMBATER a "ditadura do homem" e seu principal componente ideológico -- o "machismo" -- combate este entendido não contra o homem, mas contra um sistema do qual ele também é vítima;

6. LUTAR pelas liberdades democráticas, entre as quais a liberdade de expressão;

7. DIVULGAR, sobretudo através da imprensa, mas também através do livro, obras de mulheres e de real valor;

8. TORNAR a mulher consciente de seu próprio corpo, cabendo a ela a decisão sobre o mesmo;

9. DIALOGAR com outros grupos ou MLMs, na medida em que o intercâmbio e a troca de experiência signifiquem um avanço nas conquistas feministas;

6. OBSERVAR que todas as propostas e decisões individuais deverão passar pela obtenção do consenso geral antes de serem adotadas ou simplesmente divulgadas;

7. EDITAR um jornal ou boletim como expressão do movimento de libertação das mulheres e da consciência feminista;

8. COLOCAR em funcionamento dois tipos de trabalho que denominaremos: a) consciência (ou reflexão): trabalhos envolvendo sexualidade, "vivido", educação, medicina comunitária, psicologia, política etc; b) ação: luta pela obtenção de creches para as mulheres trabalhadoras, engajamentos em favor da Anistia, das liberdades democráticas, dos direitos humanos, bem como nossa participação em encontros, congressos e assembleias onde estiverem em questão objetivos que partilhamos;

9. DESENVOLVER uma "praxis" democrática de maneira a possibilitar a participação efetiva de todas. Uma "coordenação" se faz necessária, recaindo sobre uma ou várias pessoas (dependendo do tamanho do grupo) a serem escolhidas, periodicamente, segundo a técnica de rodízio;

10. CRIAR condições para que o Círculo de Mulheres em Londrina cresça como uma bola de neve. A condição para a entrada de uma nova companheira no grupo é que esta endosse e acate a CARTA DE PRINCÍPIOS.

# Um Círculo Feminista em Londrina (Fundação, funcionamento e objetivos)

LINDA FULIK

CONSIDERANDO a realidade brasileira de hoje com todas as contradições que ela comporta;

CONSIDERANDO a crença internacionalista de que a opressão da mulher é universal e milenar, mas também respeitando-se as particularidades étnicas, sócio-culturais, políticas, lingüísticas etc., no quadro das quais esta opressão ocorre;

CONSIDERANDO que as histórias do MLM se repetem e até coincidem não obstante o tempo e o espaço;

CONSIDERANDO que "não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência";

CONSIDERANDO que a luta das mulheres é específica e autônoma

### PROPONHO:

A criação de um grupo de libertação da mulher, que através de seu funcionamento e do cumprimento de seus objetivos venha a contribuir para a existência de um vasto MLM no Brasil.

### OBJETIVOS: (sem ordem de importância)

1. TRATAR Dos problemas específicos da mulher dentro do quadro da luta de classes, de forma autônoma, contribuindo para aumentar a sua participação na vida econômica, política, social e cultural do país;

10. ABRIR o grupo a todas as mulheres trabalhadoras, no sentido mais amplo da palavra, desde que estejam de acordo com os nossos objetivos e apoiem nossas lutas que é a luta de todos os brasileiros.

### FUNCIONAMENTO:

1. ESTABELEÇER uma Carta de Princípios, flexível, podendo ser mudada segundo o amadurecimento e evolução do grupo;

2. PRESERVAR a especificidade da luta das mulheres, assegurando sua autonomia em relação a partidos e organizações políticas. Proponho a realização de um documento, esclarecedor, sobre o assunto;

3. CRIAR uma dinâmica de grupo (a ser discutida posteriormente) e cuja necessidade é estabelecer uma coesão entre as que têm mais e as que têm menos consciência feminista, como primeira condição para chegar-se a garantir uma situação de homogeneidade dentro do movimento;

4. CRIAR subgrupos de trabalho (dependendo do número de participantes ou militantes) a fim de permitir uma maior racionalização no funcionamento do movimento;

5. PROVIDENCIAR uma sala em Londrina, onde serão realizadas as reuniões, assembleias e onde o MLM atenderá às solicitações e problemas de toda a ordem;

2. DESENVOLVER um trabalho, no nível da consciência e da ação, que possibilite à mulher o questionamento e a busca de sua verdadeira entidade;

3. ENCAMPAR diferentes bandeiras de luta tais como: a anistia ampla, geral e irrestrita, aborto, creches, saúde comunitária etc;

4. DENUNCIAR todo e qualquer tipo de utilização da mulher (quer pela propaganda política, quer pela publicidade), a violência quotidiana, a repressão sexual, a situação específica das mulheres presas, torturadas, violadas nas prisões e fora delas;

5. COMBATER a "ditadura do homem" e seu principal componente ideológico -- o "machismo" -- combate este entendido não contra o homem, mas contra um sistema do qual ele também é vítima;

6. LUTAR pelas liberdades democráticas, entre as quais a liberdade de expressão;

7. DIVULGAR, sobretudo através da imprensa, mas também através do livro, obras de mulheres e de real valor;

8. TORNAR a mulher consciente de seu próprio corpo, cabendo a ela a decisão sobre o mesmo;

9. DIALOGAR com outros grupos ou MLMs, na medida em que o intercâmbio e a troca de experiência signifiquem um avanço nas conquistas feministas;

6. OBSERVAR que todas as propostas e decisões individuais deverão passar pela obtenção do consenso geral antes de serem adotadas ou simplesmente divulgadas;

7. EDITAR um jornal ou boletim como expressão do movimento de libertação das mulheres e da consciência feminista;

8. COLOCAR em funcionamento dois tipos de trabalho que denominaríamos: a) consciência (ou reflexão): trabalhos envolvendo sexualidade, "vivido", educação, medicina comunitária, psicologia, política etc; b) ação: luta pela obtenção de creches para as mulheres trabalhadoras, engajamentos em favor da Anistia, das liberdades democráticas, dos direitos humanos, bem como nossa participação em encontros, congressos e assembleias onde estiverem em questão objetivos que partilhemos;

9. DESENVOLVER uma "praxis" democrática de maneira a possibilitar a participação efetiva de todas. Uma "coordenação" se faz necessária, recaindo sobre uma ou várias pessoas (dependendo do tamanho do grupo) a serem escolhidas, periodicamente, segundo a técnica de rodízio;

10. CRIAR condições para que o Círculo de Mulheres em Londrina cresça como uma bola de neve. A condição para a entrada de uma nova companheira no grupo é que esta endosse e acate a CARTA DE PRINCÍPIOS.

A

JORNAL: Folha de Londrina  
DATA : 17/3/78.

## Mulheres discutem Círculo Feminista

A viabilidade da fundação de um Círculo Feminista em Londrina será analisada hoje durante reunião a ser realizada a partir das 16 horas, à rua Cambará nº 750. O encontro reunirá todas as mulheres interessadas em dar prosseguimento aos debates iniciados sábado último, quando foi lançada a idéia da criação do Círculo, durante uma promoção para se comemorar o Dia Internacional da Mulher.

Em tal debate, promovido pelo Comitê Londrinense de Anistia e Direitos Humanos, foram levantados vários

problemas que as mulheres encontram no trabalho e em casa. Durante a discussão observou-se a necessidade de uma união maior, como forma de se tentar solucionar es-

ses problemas, que não se limitam somente ao trabalho, mas que estendem-se a outros setores.

Assim, a reunião de amanhã tem a finalidade de amadurecer a

idéia e de discutir como seria a atuação do Círculo, quais as suas finalidades gerais, a organização do grupo etc. O encontro será aberto a qualquer mulher que queira participar.

FK-7 17/3/78

...POURO DE ...

Uma mulher ...

Há apenas alguns dias exatamente a 8 de março, Dia Internacional da Mulher, podemos acompanhar pelos jornais e televisões a grande passeata das mulheres do IRL que motivadas e reforçadas pela agitação e mudanças políticas daquele país, saíram às ruas para reivindicar um direito que, para nossa cultura, pode parecer patético: elas queriam arrancar os véus negros que envolvem suas cabeças, por imposição de uma monarquia que durou mais de 2500 anos, criada por Croto, o Grande, e seguida pela dinastia Reza Pahlevi, que estava no poder desde 1906.

Com o ranco da Idade Média ou não, do ponto de vista de quem analisa o fato de as mulheres serem obrigadas a cobrir rostos e cabeças quando, na verdade, anseiam por deixá-los livres e soltos, a questão é que, espantosamente, condicionamentos como esses continuam perturbando o desenvolvimento feminino. E impedindo sua marcha rumo às condições de participantes dos processos econômicos, políticos e sócio-culturais dos povos.

Esse é, naturalmente, apenas um entre vários exemplos de condicionamentos que são impingidos ainda hoje à mulher no contexto das organizações sociais. Todas elas — sejam tribais, civilizadas; regidas por sistemas capitalistas, comunistas e outros "ismos" — não alcançaram e certamente muito terão que lutar para alcançar um estágio de desenvolvimento que isente o homem de integrar-se às rígidas normas a ele impostas.

Separados por oceanos e continentes, os homens reestruturaram, entre suas sociedades, certos dogmas de comportamentos que, se analisados profundamente, podemos perceber que estão entrelaçados em muitos pontos, distanciados em muitos outros, mas com uma determinante: nenhuma cultura de que se tem notícia conseguiu deixar de lado fatos como sexo e idade, para diferenciar homens e mulheres, jovens e velhos do papel que a eles deve ser conferido dentro de uma organização social.

E nesse contexto, inevitavelmente, às mulheres e aos velhos, não têm sido reservadas posições especiais, mas, pelo contrário, sempre as mais desvalorizadas, na escala hierárquica dos povos, desde a passagem do "comunismo primitivo" para a Sociedade Agrária.

Via de regra, a mulher tem sido obrigada a empenhar-se na conquista de posições humanas valorizadas que aos homens cabem, sempre, de modo natural no processo de formação e estruturação dos variados tipos de comportamento que cada civilização traça em seu plano de vida social.

É espantoso observar a capacidade que o homem teve de transformar as poucas sugestões, com as quais contava em seu estágio primitivo, em complicadas ramificações sociais denominadas civilizações. E também é espantosa a sua capacidade de colocar os indivíduos dentro dessas civilizações, separando-os através de observações biológicas (no caso do homem e da mulher) e atribuindo a cada um determinado "modus vivendi" que, segundo conceitos previamente criados e estabelecidos, são considerados "naturais".

Cada cultura pode determinar, a cada tipo nascido dentro dela, um determinado comportamento e, muitas delas têm estabelecido fatores como idade e principalmente sexo para a elaboração diferencial. E aí, a mulher vem sempre levando desvantagens e tem sempre enfrentado o sexo dominante com submissão, pelo menos até que alcance, de uma vez por todas, uma personalidade que não a torne dominante, já que não se trata de uma luta de força, mas que a torne igual.

**E uma questão de humanismo**

Nesse momento, hoje, quando as mulheres começam a tomar consciência de que seu lugar é ao lado do homem, longe daquele conceito machista que as coloca sempre como boas esposas e excelentes mães, porém como participantes do processo de produção e dos avanços sócio-econômicos e políticos, uma ressalva deve ser feita: este deve ser uma luta humanista. Não se trata mais de discutir se o sexo feminino é mais ou menos instável, mais ou menos forte

Qualquer discussão que seja feita, no presente, sobre a posição da mulher, procurando desvendar o seu caráter e, portanto, sua emancipação ou escravização pode levar ao desvio de aspecto prioritário: o do reconhecimento de que a mulher é resultado, como o próprio homem, da trama social que a envolveu, seja nesta ou naquela cultura. Assim, sua necessidade é pura e simples a de derrubar conceitos pré-estabelecidos, voltar às raízes e desvincular-se do massacre que lhe foi imposto há milhares de anos.

Esta não é uma tarefa fácil, mas nem impossível. E podemos enfatizar que, felizmente, esse trabalho já começou a reconhecer-se que apesar de lento, ele vai ganhando forças e segue.

O aumento do contingente de mão-de-obra feminina nos processos de produção de muitos países desenvolvidos ou em desenvolvimento verificado nas últimas décadas, a luta das mulheres a favor da legalização do aborto hoje é aceita em muitas nações bem como a participação delas nas áreas políticas e econômicas que vem se intensificando a cada dia, são apenas alguns dos fatos que evidenciam que a mulher está caminhando. Está crescendo dentro de suas sociedades na tentativa de tornar-se um ser participante e com iguais direitos do homem.

Não podemos desprezar os movimentos que agitam bandeiras feministas nos últimos anos, a exemplo do "Womens Lib" e outros. Engajados em reivindicações objetivando o poder a muitas barreiras sociais, como alguns, ou desviando a luta de emancipação para a linha da disputa de forças com o sexo oposto, como outros; foram todos movimentos, que pelo menos, tiveram uma função a de questionar. E esta função nos parece, hoje, das mais importantes, pois somente questionando, serão encontradas respostas para as angústias, depressões, opressões e omissões que nos cercam, mesmo involuntariamente.

**Os movimentos continuam**

A escalada feminina, na busca de um lugar decente, já alcançou um ponto considerado sem retorno e decisivo: agora é impossível recuar. Os movimentos, continuam pelo mundo afora. Nos grandes centros ou mesmo em pequenas e afastadas tribos, a cada dia, o "segundo sexo" descobre-se como gente e essa nova força vai empurrando sempre para a frente, fazendo dele um ser pensante e consciente. Chegada a consciência, ponto decisivo em qualquer estágio de emancipação, fica difícil o retorno. Quem ganha consciência não anda para trás.



**A nossa luta**

Quando fazemos em "nossa luta" na luta da mulher brasileira não pretendemos absolutamente distanciá-la da luta internacional de todas as mulheres. Os problemas são basicamente os mesmos, o que mudam são os estádios de avanços ou recuos, os graus de consciência e as reivindicações que devem ser prioritárias. É claro que nos perturba hoje, não é a obrigação de usar um sutiã ou um corpete escuro sobre nossas cabeças, como ocorre com as mulheres no Irã, ou a guerra contra os "soutiens". Temos os nossos problemas e devemos resolvê-los com dados tirados de nossa formação cultural, reconhecer nela todos os traços que possam estar impedindo-nos de crescer, pois os problemas dos povos diferem, só a influência das mais variadas nuances.

Nessa linha, sem perdermos de vista que o que sufoca o sexo feminino, de modo geral, é a opressão a que foi submetido através do tempo e por influência direta das culturas estabelecidas, devemos buscar nossas respostas com base em nossa civilização e descobrir, um a um, quais os entraves a impedirem as mulheres brasileiras de efetivarem sua emancipação humana, para que, junto com nossos companheiros, possamos participar do processo de produção do País. Nossos problemas são muitos e variam mesmo até entre as classes sociais. Em virtude de condicionamentos diferentes e adaptados às variantes de vida. Mas, de qualquer forma, alguns princípios já se encontram definidos em nossa busca.

Precisamos, mais do que nunca, reivindicar a valorização da mão-de-obra feminina, que, indiscutivelmente, percebe salários inferiores aos dos homens, como, por exemplo, no caso das operárias e trabalhadoras rurais que além de ocuparem cargos já por princípio desvalorizados, ainda ganham salários mais baixos pela condição de mulheres, independentemente de sua condição de produtor; precisamos lutar por um respeito profissional à altura daquele que é dedicado ao sexo oposto e destruir barreiras para que possamos exercer, em pé de igualdade, toda e qualquer ocupação; precisamos lutar pela legalização do aborto, que mata anualmente grande número de mulheres, pois, como todos sabem, mas fingem ignorar, é praticado em larga escala. E o pior: às escondidas e através de métodos perigosos, distantes dos cuidados médicos. A mulher deve ter o direito de decidir sobre o seu próprio corpo e de sentir, em certos momentos de sua vida, se deseja ou não ter um filho, se conta ou não com condições econômicas e emocionais para assumi-lo. Somente a ela cabe esta decisão.

Temos a obrigação de pedir justiça e criar condições para que sejam evitados todos os casos de desrespeito humano e arbitrariedades, como estupro, assassinatos e outros, que já vitimaram e continuam vitimando companheiras nossas em todo o Brasil.

**Conquista conjunta**

Esta deve ser uma "batalha" conjunta e que una todas as mulheres, de todos os níveis e classes sociais, já que há uma identificação única: a de buscar melhores condições de vida. No atual contexto, também os homens não podem ficar divorciados desse movimento, cujo objetivo é tornar-se uma engrenagem capaz de reverter e empurrar pontos de estagnação, na caminhada árdua ao encontro da revalorização da condição humana de vida. Trata-se pois de um problema engajado, do ponto de vista sócio-econômico e político e que não permite separar os integrantes do processo de produção.

Nesse sentido, as reivindicações passam a ser sexuais, ou seja, passam a ter a obrigação de levantar, ao mesmo tempo, as condições de vida das mulheres que vivem oprimidas em relação aos homens e, também, a dos homens e mulheres que vivem oprimidos socialmente. A luta passa a ser de todos. Devemos trazer no processo de desenvolvimento histórico, ao lado do homem, em todos os campos humanísticos: na arte, na

JORNAL: Folha de Londrina

DATA: 18/3/79

## UMA DE IANES LEITE

Qualquer discussão que seja feita, no presente, sobre a posição da mulher, procurando desvendar o seu caráter e o significado, sua emancipação ou escravização pode levar ao desvio do aspecto prioritário, e do reconhecimento de que a mulher é resultado, como o próprio homem, da trama social que a envolveu, seja nesta ou naquela cultura. Assim, sua necessidade é pura e simples a de derrubar conceitos pré-estabelecidos, voltar às raízes e desvincular-se do massacre que lhe foi imposto há milhares de anos.

Esta não é uma tarefa fácil, mas nem impossível. E podemos enfatizar que, felizmente, esse trabalho já começou a reconhecer-se que apesar de lento, ele vai ganhando forças e segue.

O aumento do contingente de mão-de-obra feminina nos processos de produção de muitos países desenvolvidos ou em desenvolvimento, verificado nas últimas décadas, a luta das mulheres a favor da legalização do aborto hoje é aceita em muitas nações, bem como a participação delas nas áreas políticas e econômicas que vem se intensificando a cada dia, são apenas alguns dos fatos que evidenciam que a mulher está caminhando. Está crescendo dentro de suas sociedades na tentativa de tornar-se um ser participante e com iguais direitos do homem.

Não podemos desprezar os movimentos que agitaram bandeiras feministas nos últimos anos, a exemplo do "Womans Lib" e outros. Engatados em reivindicações objetivando colocar a mulher dentro das escalas sociais, como alguns, ou desviando a luta de emancipação para a linha da disputa de forças com o sexo oposto, como outros: foram todos movimentos, que pelo menos, tiveram uma função a de questionar. E esta função nos parece, hoje, das mais importantes, pois somente questionando, serão encontradas respostas para as angústias, depressões, opressões e omissões que nos cercam, mesmo involuntariamente.

### Os movimentos continuam

A escalada feminina, na busca de um lugar decente, já alcançou um ponto considerado sem retorno e decisivo: agora é impossível recuar. Os movimentos continuam pelo mundo afora. Nos grandes centros ou mesmo em pequenas e atastadas tribos, a cada dia, o "segundo sexo" descobre-se como gente e essa nova força vai empurrando-o sempre para a frente, fazendo dele um ser pensante e consciente. Chegada a consciência, ponto decisivo em qualquer estágio de emancipação, fica difícil o retorno. Quem ganha consciência não anda para trás.

### A nossa luta

Quando falamos em "nossa luta", na luta da mulher brasileira, não pretendemos absolutamente distanciá-la da luta internacional de todas as mulheres. Os problemas são basicamente os mesmos, o que mudam são os estádios de avanços ou recuos, os graus de consciência e as reivindicações que devem ser prioritárias. É claro que o que nos perturba hoje, não é a obrigação de usar um sutiã ou um vestido escuro sobre nossas cabeças, como ocorre com as mulheres no Irã, ou a guerra contra os "soutiens". Temos os nossos problemas e devemos resolvê-los com dados tirados de nossa formação cultural, reconhecer neia todos os traços que possam estar impedindo-nos de crescer, pois os problemas dos povos diferem, sob a influência das mais variadas nuances.

Nessa linha, sem perdermos de vista que o que sufoca o sexo feminino, de modo geral, é a opressão e que foi submetido através do tempo e por influência direta das culturas estabelecidas, devemos buscar nossas respostas com base em nossa civilização e descobrir, um a um, quais os entraves a impedirem as mulheres brasileiras de efetivarem sua emancipação humana, para que, junto com nossos companheiros, possamos participar do processo de produção do País.

Nossos problemas são muitos e variam mesmo até entre as classes sociais. Em virtude de condicionamentos diferentes e adaptados às variantes de vida. Mas, de qualquer forma, alguns princípios já se encontram definidos em nossa busca.

Precisamos, mais do que nunca, reivindicar a valorização da mão-de-obra feminina, que, indiscutivelmente, percebe salários inferiores aos dos homens, como, por exemplo, no caso das operárias e trabalhadoras rurais que além de ocuparem cargos já por princípio desvalorizados, ainda ganham salários mais baixos pela condição de mulheres, independentemente de sua condição de produtor; precisamos lutar por um respeito profissional à altura daquele que é dedicado ao sexo oposto e destruir barreiras para que possamos exercer, em pé de igualdade, toda e qualquer ocupação; precisamos lutar pela legalização de aborto, que mata anualmente grande número de mulheres, pois, como todos sabem, mas fingem ignorar, é praticado em larga escala. E o pior: às escondidas e através de métodos perigosos, distantes dos cuidados médicos. A mulher deve ter o direito de decidir sobre o seu próprio corpo e de sentir, em certos momentos da vida, se deseja ou não ter um filho, se conta ou não com condições econômicas e emocionais para assumi-lo. Somente a ela cabe esta decisão.

Temos a obrigação de pedir justiça e criar condições para que sejam evitados todos os casos de desrespeito humano e arbitrariedades, como estupro, assassinatos e outros, que já vitimaram e continuam vitimando companheiras nossas em todo o Brasil.

### Conquista conjunta

Esta deve ser uma "batalha" conjunta e que una todas as mulheres, de todos os níveis e classes sociais, já que há uma identificação única: a de buscar melhores condições de vida. No atual contexto, também os homens não podem ficar divorciados desse movimento, cujo objetivo é tornar-se uma engrenagem capaz de reverter e empurrar pontos de estagnação, na caminhada árdua ao encontro da revalorização da condição humana de vida. Trata-se, pois, de um problema engajado, do ponto de vista sócio-econômico e político e que não permite separar os integrantes do processo de produção.

Nesse sentido, as reivindicações passam a ser sexuais, ou seja, passam a ter a obrigação de levantar, ao mesmo tempo, as condições de vida das mulheres que vivem oprimidas em relação aos homens e, também, a dos homens e mulheres que vivem oprimidos socialmente. A luta passa a ser de todos.

Devemos crescer no processo de desenvolvimento histórico, ao lado do homem, em todos os campos humanísticos: na arte, na ciência, na história, na política, na economia, na filosofia etc. E este deve ser um crescimento consciente, objetivo e dissociado de qualquer pretensão de disputa entre os sexos. Trata-se da busca e do retorno ao lugar que sempre foi nosso e que de e estamos afastados por contingências culturais que nos foram impostas e, portanto, certamente almejadas à posse voluntária.



JORNAL: Folha de Londrivel

DATA: 18/3/79

NA DEBATE

Qualquer discussão que seja feita no presente, sobre a posição da mulher, considerando desvender o seu caráter e natureza, seja emancipação ou escravização pode levar ao desvio do aspecto prioritário e do reconhecimento de que a mulher é resultado, como o próprio homem, da trama social que a envolveu, seja nesta ou naquela cultura. Assim, sua necessidade é pura e simples, a de derrubar conceitos pré-estabelecidos, voltar às raízes e pesquisar-se do massacre que lhe foi imposto há milhares de anos.

Esta não é uma tarefa fácil, mas nem impossível. E podemos enfatizar que, felizmente, esse trabalho já começou a reconhecer que apesar de lento, ele vai ganhando forças e segue.

O aumento do contingente de mão-de-obra feminina nos processos de produção de muitos países desenvolvidos ou em desenvolvimento, verificado nas últimas décadas, a luta das mulheres a favor da legalização do aborto hoje é aceita em muitas nações, bem como a participação delas nas áreas políticas e econômicas, que vem se intensificando a cada dia, são apenas alguns dos fatos que evidenciam que a mulher está caminhando. Está crescendo do dentro de suas sociedades na tentativa de tornar-se um participante e com iguais direitos do homem.

Não podemos deixar de mencionar os movimentos que agitam bandeiras feministas nos últimos anos, a exemplo do "Movimento Lib" e outros. Esses movimentos, embora com objetivos diferentes, apontam para as mesmas escalas sociais, como alguns, ao defenderem a luta de emancipação, para a linha da disputa de forças com o sexo oposto, como outros, foram todos movimentos, que pelo menos, tiveram uma função a de questionar. E esta função nos parece, hoje, das mais importantes, pois somente questionando, serão encontradas respostas para as angústias, depressões, opressões e omissões que nos cercam mesmo involuntariamente.

### Os movimentos continuam

A escalada feminina, na busca de um lugar decente, já alcançou um ponto considerado sem retorno e decisivo: agora é impossível recuar. Os movimentos continuam pelo mundo afora. Nos grandes centros ou mesmo em pequenas e afastadas tribos, a cada dia, o "segundo sexo" descobre-se como gente e essa nova força vai empurrando sempre para a frente, fazendo dele um ser pensante e consciente. Chegada a consciência, ponto decisivo em qualquer estágio de emancipação, fica difícil o retorno. Quem ganha consciência não anda para trás.

### A nossa luta

Quando falamos em "nossa luta", na luta da mulher brasileira, não pretendemos absolutamente distanciar-nos de toda mulher, seja de todas as mulheres. Os problemas são basicamente os mesmos, o que mudam são os estádios de avanços ou recuos, os graus de consciência e as reivindicações que devem ser prioritárias. É claro que o que nos perturba hoje, não é a obrigação de usar um sutiã ou escuro sobre nossas esbaldas, como ocorre com as mulheres no IRL, ou a guerra contra os "soutiens". Temos os nossos problemas e devemos resolvê-los com dados tirados de nossa formação cultural, reconhecer nela todos os traços que possam estar impedindo-nos de crescer, pois os problemas dos povos diferem, se não influências das mais variadas nuances.

Nessa linha, sem perdermos de vista que o que sufoca o sexo feminino, de modo geral, é a opressão a que foi submetido através do tempo e por influência direta das culturas estabelecidas, devemos buscar nossas respostas com base em nossa civilização e descobrir, um a um, quais os entraves a impedirem as mulheres brasileiras de efetivarem sua emancipação humana, para que, junto com nossos companheiros, possamos participar do processo de produção do País. Nossos problemas são muitos e variam mesmo até entre as classes sociais. Em virtude de condicionamentos diferentes e adaptados às variantes de vida. Mas, de qualquer forma, alguns princípios já se encontram definidos em nossa busca.

Precisamos, mais do que nunca, reivindicar a valorização da mão-de-obra feminina, que, indiscutivelmente, percebe salários inferiores aos dos homens, como, por exemplo, no caso das operárias e trabalhadoras rurais que além de ocuparem cargos já por si próprios valorizados, ainda ganham salários mais baixos pela condição de mulheres, independentemente de sua condição de produtoras. Precisamos lutar por um respeito profissional à altura daquele que é dedicado ao sexo oposto e destruir barreiras para que possamos exercer, em pé de igualdade, toda e qualquer ocupação; precisamos lutar pela legalização de aborto, que mata anualmente grande número de mulheres, pois, como todos sabem, mas fingem ignorar, é praticado em larga escala. E o pior: às escondidas e através de métodos perigosos, distantes dos cuidados médicos. A mulher deve ter o direito de decidir sobre o seu próprio corpo e de sentir, em certos momentos da vida, se deseja ou não ter um filho, se conta ou não com condições econômicas e emocionais para assumi-lo. Somente a ela cabe esta decisão.

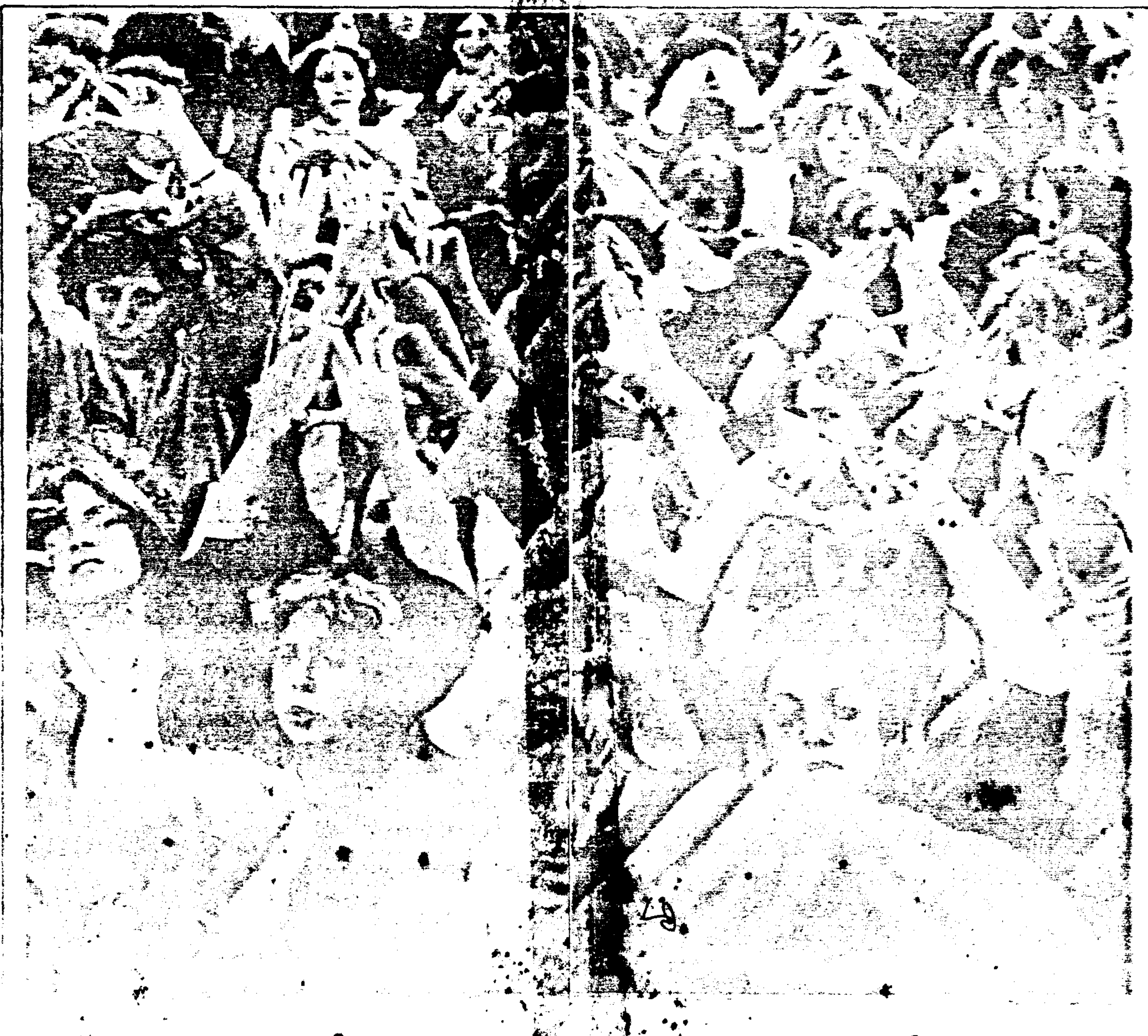
Temos a obrigação de pedir justiça e criar condições para que sejam evitados todos os casos de desrespeito humano e arbitrariedades, como estupro, assassinatos e outros, que já vitimaram e continuam vitimando companheiras nossas em todo o Brasil.

### Conquista conjunta

Esta deve ser uma "batalha" conjunta e que una todas as mulheres, de todos os níveis e classes sociais, já que há uma identificação única: a de buscar melhores condições de vida. No atual contexto, também os homens não podem ficar divorciados desse movimento, cujo objetivo é tornar-se uma engrenagem capaz de reverter e empurrar pontos de estagnação, na caminhada árdua ao encontro da valorização da condição humana de vida. Trata-se, portanto, de um problema engajado, do ponto de vista socio-econômico e político e que não permite separar os integrantes do processo de produção.

Nesse sentido, as reivindicações devem a ser anexadas, na luta, passamos a ter a obrigação de trabalhar no mesmo sentido as condições de vida das mulheres que vivem oprimidas em relação aos homens e, também, a dos homens e mulheres que vivem oprimidos socialmente. A luta passa a ser de todos.

Devemos crescer no processo de desenvolvimento histórico, no lado do homem, em todos os campos: humanísticos, na arte, na ciência, na história, na política, na economia e na filosofia etc. E este deve ser um crescimento consciente, objetivo e direcionado de qualquer pretensão de disputa entre os sexos. Trata-se da busca e do retorno ao lugar que sempre foi nosso e que foi e é sempre afastados por outras condições culturais que nos fazem, cada vez, e portanto, cada vez mais, perder o contato com a natureza.



JORNAL: Folha de Londrina

DATA: 18/3/79

# QUESTÃO DA MULHER

## UMA DE FEMES LEITE

Qualquer discussão que seja feita, no presente, sobre a posição da mulher, procurando desvendar o seu caráter e seu momento, sua emancipação ou escravização pode levar ao desvio do aspecto prioritário: o do reconhecimento de que a mulher é resultado, como o próprio homem, da trama social que a envolveu, seja nesta ou naquela cultura. Assim, sua necessidade é pura e simples a de derrubar conceitos pré-estabelecidos, voltar às raízes e desvencilhar-se do massacre que lhe foi imposto há milhares de anos.

Esta não é uma tarefa fácil, mas nem impossível. E podemos enfatizar que, felizmente, esse trabalho já começou a reconhecer-se que apesar de lento, ele vai ganhando forças e segue.

O aumento do contingente de mão-de-obra feminina nos processos de produção de muitos países desenvolvidos ou em desenvolvimento, verificado nas últimas décadas, a luta das mulheres a favor da legalização do aborto hoje é aceita em muitas nações bem como a participação delas nas áreas políticas e econômicas, que vem se intensificando a cada dia, são apenas alguns dos fatos que evidenciam que a mulher está caminhando. Está crescendo dentro de suas sociedades na tentativa de tornar-se um ser participante e com iguais direitos do homem.

Não podemos desprezar os movimentos que agiteram bandeiras feministas nos últimos anos, a exemplo do "Womans Lib" e outros. Engajados em reivindicações objetivando colocar a mulher dentro das estruturas sociais, como alguns, ou desafiando a luta de emancipação para a linha da disputa de forças com o sexo oposto, como outros; foram todos movimentos, que pelo menos, tiveram uma função: a de questionar. E esta função nos parece, hoje, das mais importantes, pois somente questionando, serão encontradas respostas para as angústias, depressões, opressões e omissões que nos cercam, mesmo involuntariamente.

### Os movimentos continuam

A escalada feminina, na busca de um lugar decente, já alcançou um ponto considerado sem retorno e decisivo: agora é impossível recuar. Os movimentos continuam pelo mundo afora. Nos grandes centros ou mesmo em pequenas e afastadas tribos, a cada dia, o "segundo sexo" descobre-se como gente e essa nova força vai empurrando sempre para a frente, fazendo dele um ser pensante e consciente. Chegada a consciência, ponto decisivo em qualquer estágio de emancipação, fica difícil o retorno. Quem ganha consciência não anda para trás.



### A nossa luta

Quando falamos em "nossa luta" na luta da mulher brasileira não pretendemos absolutamente distanciá-la da luta internacional de todas as mulheres. Os problemas são basicamente os mesmos, o que mudam são os estádios de avanços ou recuos, os graus de consciência e as reivindicações que devem ser prioritárias. É claro que o que nos perturba hoje, não é a obrigação de usar um sutiã, véu, escuro sobre nossas cabeças, como ocorre com as mulheres no Irã, ou a guerra contra os "soutiens". Temos os nossos problemas e devemos resolvê-los com dados tirados de nossa formação cultural, reconhecer nela todos os traços que possam estar impedindo-nos de crescer, pois os problemas dos povos diferem, sob as influências das mais variadas nuances.

Nessa linha, sem perdermos de vista que o que sufoca o sexo feminino, de modo geral, é a opressão a que foi submetido através do tempo e por influência direta das culturas estabelecidas, devemos buscar nossas respostas com base em nossa civilização e descobrir, um a um, quais os entraves a impedirem as mulheres brasileiras de efetivarem sua emancipação humana, para que, junto com nossos companheiros, possamos participar do processo de produção do País.

Nossos problemas são muitos e variam mesmo até entre as classes sociais. Em virtude de condicionamentos diferentes e adaptados às variantes de vida. Mas, de qualquer forma, alguns princípios já se encontram definidos em nossa busca.

Precisamos, mais do que nunca, reivindicar a valorização da mão-de-obra feminina, que, indiscutivelmente, percebe salários inferiores aos dos homens, como, por exemplo, no caso das operárias e trabalhadoras rurais que além de ocuparem cargos já por princípio desvalorizados, ainda ganham salários mais baixos pela condição de mulheres, independentemente de sua condição de produtor; precisamos lutar por um respeito profissional à altura daquele que é dedicado ao sexo oposto e destruir barreiras para que possamos exercer, em pé de igualdade, toda e qualquer ocupação; precisamos lutar pela legalização do aborto, que mata anualmente grande número de mulheres, pois, como todos sabem, mas fingem ignorar, é praticado em larga escala. E o pior: às escondidas e através de métodos perigosos, distantes dos cuidados médicos. A mulher deve ter o direito de decidir sobre o seu próprio corpo e de sentir, em certos momentos da vida, se deseja ou não ter um filho, se conta ou não com condições econômicas e emocionais para assumi-lo. Somente a ela cabe esta decisão.

Temos a obrigação de pedir justiça e criar condições para que sejam evitados todos os casos de desrespeito humano e arbitrariedades, como estupro, assassinatos e outros, que já vitimaram e continuam vitimando companheiras nossas em todo o Brasil.

### Conquista conjunta

Esta deve ser uma "batalha" conjunta e que una todas as mulheres, de todos os níveis e classes sociais, já que há uma identificação única: a de buscar melhores condições de vida. No atual contexto, também os homens não podem ficar divorciados desse movimento cujo objetivo é tornar-se uma engrenagem capaz de reverter e empurrar pontos de estagnação, na caminhada árdua ao encontro da valorização da condição humana de vida. Trata-se, pois, de um problema engajado, do ponto de vista sócio-econômico e político e que não permite separar os integrantes do processo de produção.

Nesse sentido, as reivindicações passam a ser assuais, ou seja, passam a ter a obrigação de levantar, ao mesmo tempo, as condições de vida das mulheres que vivem oprimidas em relação aos homens e, também, a dos homens e mulheres que vivem oprimidos socialmente. A luta passa a ser de todos.

Devemos crescer no processo de desenvolvimento histórico, ao lado do homem, em todos os campos humanísticos: na arte, na ciência, na história, na política, na economia, na filosofia etc. E este deve ser um crescimento consciente, objetivo e distanciado de qualquer pretensão de disputa entre os sexos. Trata-se da busca e do retorno ao lugar que sempre foi nosso e que de e estamos afastados por contingências culturais que nos fazem, mulheres e, portanto, certamente alijas à posse por via da...

# Uma questão de humanidade

UMA QUESTÃO DE HUMANISMO

Há apenas alguns dias, exatamente a 8 de março, Dia Internacional da Mulher, pudemos acompanhar pelos jornais e televisões a grande passeata das mulheres do Irã que, motivadas e reforçadas pela agitação e mudanças políticas daquele país, saíram às ruas para reivindicar um direito que, para nossa cultura, pôde parecer patético: elas queriam arrancar os véus negros que envolvem suas cabeças, por imposição de uma monarquia que durou mais de 2500 anos, criada por Ciro, o Grande, e seguida pela dinastia Reza Pahlevi, que estava no poder desde 1906.

Com o rancor da idade Média ou não, do ponto de vista de quem analisa o fato de as mulheres serem obrigadas a cobrir rostos e cabeças quando, na verdade, anseiam por deixá-los livres e sozinhos, a questão é que, espantosamente, condicionamentos como esses continuam perturbando o desenvolvimento feminino. E impedindo sua marcha rumo às condições de participantes dos processos econômicos, políticos e sócio-culturais dos povos.

E esse é, naturalmente, apenas um entre vários exemplos de condicionamentos que são impingidos ainda hoje à mulher no contexto das organizações sociais. Todas elas — sejam tribais, civilizadas, regidas por sistemas capitalistas, comunistas e outros "ismos" — não alcançaram e certamente muito terão que lutar para alcançar um estágio de desenvolvimento que isente o homem de integrar-se às rígidas normas a ele impostas.

Separados por oceanos e continentes, os homens reestruturaram, entre suas sociedades, certos dogmas de comportamentos que, se analisados profundamente, podemos perceber que estão entrelaçados em muitos pontos, distanciados em muitos outros, mas com uma determinante: nenhuma cultura de que se tem notícia conseguiu deixar de lado fatos como sexo e idade, para diferenciar homens e mulheres, jovens e velhos do papel que a eles deve ser conferido dentro de uma organização social.

E nesse contexto, inevitavelmente, às mulheres e aos velhos, não têm sido reservadas posições especiais, mas, pelo contrário, sempre as mais desvalorizadas, na escala hierárquica dos povos, desde a passagem do "comunismo primitivo" para a Sociedade Agrária.

Via de regra, a mulher tem sido obrigada a empenhar-se na conquista de posições humanas valorizadas que aos homens cabem, sempre, de modo natural no processo de formação e estruturação dos variados tipos de comportamento que cada civilização traça em seu plano de vida social.

É espantoso observar a capacidade que o homem teve de transformar as poucas sugestões, com as quais contava em seu estágio primitivo, em complicadas ramificações sociais denominadas civilizações. E também é espantosa a sua capacidade de colocar os indivíduos dentro dessas civilizações, separando-os através de observações biológicas (no caso do homem e da mulher) e atribuindo a cada um determinado "modus vivendi" que, segundo conceitos previamente criados e estabelecidos, são considerados "naturais".

Cada cultura pode determinar, a cada tipo nascido dentro dela, um determinado comportamento e, muitas delas têm estabelecido fatores como idade e principalmente sexo para a elaboração diferencial. E aí, a mulher vem sempre levando desvantagens e tem sempre enfrentado o sexo dominante com submissão, pelo menos até que alcance, de uma vez por todas, uma personalidade que não a torne dominante, já que não se trata de uma luta de força, mas que a torne igual.

## É uma questão de humanismo

Nesse momento, hoje, quando as mulheres começam a tomar consciência de que seu lugar é ao lado do homem, longe daquele conceito machista que as coloca sempre como boas esposas e excelentes mães, porém como participantes do processo de produção e dos avanços sócio-econômicos e políticos, uma ressalva deve ser feita: esta deve ser uma luta humanista. Não se trate mais de discutir se o sexo feminino é mais ou menos instável, mais ou menos forte que o masculino. Ou ainda se é fraco ou submisso. Não se trata ainda de levantar um tratado sobre os direitos da mulher, pois eles são evidentes: são os direitos humanos. E a eles, tanto o sexo feminino quanto o masculino devem ter acesso por direito. Não se trata de uma questão de força, mas de uma questão de humanidade.

Qualquer discussão que seja feita, no presente, sobre a posição da mulher, procurando desvendar o seu caráter e seu momento, sua emancipação ou escravização pode levar ao desvio do aspecto prioritário: o do reconhecimento de que a mulher é resultado, como o próprio homem, da trama social que a envolveu, seja nesta ou naquela cultura. Assim, sua necessidade é pura e simples a de derrubar conceitos pré-estabelecidos, voltar às raízes e desvincular-se do massacre que lhe foi imposto há milhares de anos.

Esta não é uma tarefa fácil, mas nem impossível. E podemos enfatizar que, felizmente, esse trabalho já começou a reconhecer que apesar de lento, ele vai ganhando forças e segue.

O aumento do contingente de mão-de-obra feminina nos processos de produção de muitos países desenvolvidos ou em desenvolvimento, verificado nas últimas décadas, a luta das mulheres a favor da legalização do aborto hoje é aceita em muitas nações bem como a participação delas nas áreas políticas e econômicas que vem se intensificando a cada dia, são apenas alguns dos fatos que evidenciam que a mulher está caminhando. Está crescendo dentro de suas sociedades na tentativa de tornar-se um ser participante e com iguais direitos do homem.

Não podemos desprezar os movimentos que agitam feministas nos últimos anos, a exemplo do "Womens Liberation" em reivindicações obrigando o poder a tomar algumas medidas sociais como alguns, ou desafiando a luta para a linha da disputa de forças com o sexo oposto; foram todos movimentos, que pelo menos, tiveram a função de questionar. E esta função nos parece, hoje, importantes, pois somente questionando, serão encontradas as soluções para as angústias, depressões, opressões e omissões que cam, mesmo involuntariamente.

## Os movimentos continuar

A escalada feminina, na busca de um lugar decente um ponto considerado sem retorno e decisivo: agora recuar. Os movimentos continuam pelo mundo afora centros ou mesmo em pequenas e afastadas tripos. "segundo sexo" descobre-se como gente e essa nova purranda sempre para a frente, fazendo dele um ser consciente. Chegada a consciência, ponto decisivo estágio de emancipação, fica difícil o retorno. Quem ciência não anda para trás.





# A mulher e o trabalho

NEUSA CORDONI

**A** questão é: como se colocaria o problema da mulher e do trabalho dentro da sociedade em que vivemos? É absolutamente impossível falar sobre a mulher e o trabalho sem antes se fazer algumas considerações gerais sobre a história da humanidade, sobre a história de todos os homens e mulheres que, afinal de contas, através das suas relações sociais e se apoderando sempre mais e mais da natureza, sobreviveram, observando, experimentando e transformando esta mesma natureza, arrancando dela seus meios de existir. Essa sobrevivência de homens e mulheres, incluindo-se aí o ato de gerar outros seres semelhantes, e essa insatisfação constante diante de uma necessidade satisfeita criando imediatamente novas necessidades, sempre e infinitamente, esses fatores desencadearam um processo social de milhões de anos, que desembocou na realidade atual e que não pára nunca enquanto houver homens, enquanto houver mulheres.

E aqui se coloca um detalhe importante: a atividade que nasceu com os homens (no sentido amplo) desde o princípio é o trabalho. O trabalho é uma forma de atividade peculiar à espécie humana e só através dele, do trabalho, é que se dominou a natureza. E disso se pode dizer que o ser humano é, por princípio, um mágico, é um ser altamente criador, capaz de construir, de modelar uma estátua, na sua cabeça, na sua imaginação, antes de construí-la concretamente, na argila.

Homens e mulheres, desde o princípio, se agregaram, se uniram para produzir os meios que satisfizessem suas necessidades. A necessidade de alimentação, de vestuário, de habitação; e depois a necessidade de educar os filhos, a necessidade de saúde, a necessidade de diversão, religião, normas etc. . . Todas elas assumem um caráter solidário. Estas normas e valores surgiram, é evidente, em função dos interesses dessa minoria.

E quando se estabelece as relações capitalistas, a cultura sofre, é evidente, uma reviravolta.

E diante dos valores burgueses, impostos como forma de controle, em função de acumulação de riquezas, o que dizer do homem, o que dizer da mulher? Bem, à família se atribui o papel de guardiã viva das riquezas acumuladas. E para que isso ocorresse rapidamente era necessário que o homem fosse eficiente, inteligente, perspicaz. Nada podia ser desperdiçado.

E a mulher? Era necessário que a mulher fosse uma boa dona-de-casa, amiga e auxiliar de seu marido.

(Não será colocado aqui o papel da mulher no patriarcado ou no período feudal. A atenção se volta para a mulher contemporânea).

Era necessário que a mulher fosse submissa, repleta de "virtudes", enfim, um acessório do homem e sobretudo propriedade dele, do homem.

Esses valores forjados foram impostos às camadas menos favorecidas da população. Portanto, essa educação inteiramente emocional dada a mulher e que tolhe a sua criatividade e o seu senso crítico atinge a todas as mulheres. Assim como o papel de vilão macho e dono absoluto, imposto ao homem, torna-o falsamente "racional", revestindo-o hipocritamente de uma "casca grossa" que não lhe pertence, esconderijo inconsistente de suas supostas fraquezas. Esses valores, transformados em códigos de moral burguesa, atingem não obstante e sobretudo classes sociais numerosas, submetidas à exploração de uma "equipe" minoritária de planejadores da sociedade.

cial e têm evoluído de acordo com níveis determinados de desenvolvimento histórico. A produção efetuada por indivíduos socialmente, é o grande ponto de partida.

Homens e mulheres primitivos, no início do acúmulo de experiências, estavam sujeitos às leis da natureza. Para o indivíduo colocou-se a necessidade de conhecer o mundo para poder modificar esse mundo, eliminando os perigos que ameaçavam sua sobrevivência. Homens e mulheres, então, se uniram, e dessa forma, através da cooperação, trabalharam e lutaram contra os mesmos inimigos. Essa vida em comum, essa vida social, trouxe como consequência algumas condições que também se modificam historicamente e que se chamam cultura de uma dada sociedade: os usos e costumes, as normas e crenças surgiam, evoluíam e desapareciam sendo substituídos por outros conforme o grau de desenvolvimento da sociedade humana.

Muitos séculos escorregaram com grande rapidez, e o conhecimento foi se acumulando; os seres humanos dominavam sempre mais, obtendo progressos tão formidáveis, que às vezes eram invisíveis as consequências dos seus atos. Por exemplo, jamais passou pela cabeça dos indivíduos criadores da máquina a vapor, nos séculos XVI e XVII, que esse instrumento, mais que nenhum outro, havia de revolucionar a ordem social do mundo inteiro, resultando na concentração de riquezas em mãos de poucos e da miséria da imensa maioria. Não se trata, aqui, de negar o valor do progresso tecnológico, mas de questionar sua utilização.

Em determinado momento histórico a cooperação no trabalho desapareceu, sendo substituída pela divisão do trabalho, onde um grupo cada vez maior de pessoas passou a trabalhar para outros grupos. O segundo grupo, concentrando nas mãos, paulatinamente, o poder econômico (ou seja, grandes áreas de terras, fábricas etc) apo-

E o que fazer com relação à mulher? Quais os problemas e propostas a se levantar diante de uma platéia de mulheres de classe média, que na sua maioria têm, é evidente, problemas específicos? E qual seria a representatividade da mulher de periferia? E ainda: no que tange às mulheres menos favorecidas, atingidas pelo trabalho doméstico rotineiro, ou o subemprego, a falta de creches etc., qual o seu grau de organização e de informação para sentirem necessidade de vir a público colocar os seus problemas e fazer suas reivindicações -- como aconteceu em São Paulo, no Congresso das 500?

Concluindo: na nossa opinião o problema da mulher e do trabalho implica a utilização de um instrumento poderoso, por homens e mulheres. Esse instrumento se chama conhecimento. É a procura da resposta para cada pergunta e cada problema sentido no dia a dia. É a discussão ampla e irrestrita (. . .) entre homens e mulheres acerca de sua condição; em todos os níveis. Apenas o conhecimento da realidade e o senso de crítica aguçado possibilitam a ação conjunta, a ação social, que, interferindo na realidade, mostrará novos caminhos.

É evidente que a solução dos problemas cruciais só poderá ser encontrada com transformações fundamentais da nossa atual sociedade. Mas as transformações não são prato feito. Elas ocorrem através de uma sucessão de lutas contra a fome e o desemprego, contra a opressão social, econômica e política a que estão submetidos muitos homens e mulheres.

Com o auxílio de Alexandra Kollontai: as vozes de homens e mulheres devem se juntar num só coro dos que lutam para ver o dia em que a vida vivida realmente não será mais bandeira de homens e mulheres, e sim o pavilhão democrático de toda a humanidade.

JORNAL: Folha de Londrina  
DATA: 12/03/77

17

catalizador e ideológico de reprodução e manutenção do sistema.

A ideologia dominante — concepção do mundo da classe dirigente — deve penetrar, difundir-se e legitimar-se em toda a sociedade. "Não existe sistema social, onde o consenso sirva de única base hegemônica, nem Estado onde um mesmo grupo social possa manter duradouramente sua dominação sobre a base da pura coerção" — diria Gramsci. Um sistema de domínio requer ação dialética permanente de dois tipos de coerção e dominação a nível de estrutura ideológica:

— Consenso e legitimação de valores e normas culturais através da universalização de uma determinada cultura ou concepção do mundo. A religião, os meios de comunica-



ção de massas, a educação etc., são alguns dos mecanismos que cumprem estas funções. É este tipo de dominação que Gramsci chama "sociedade civil".

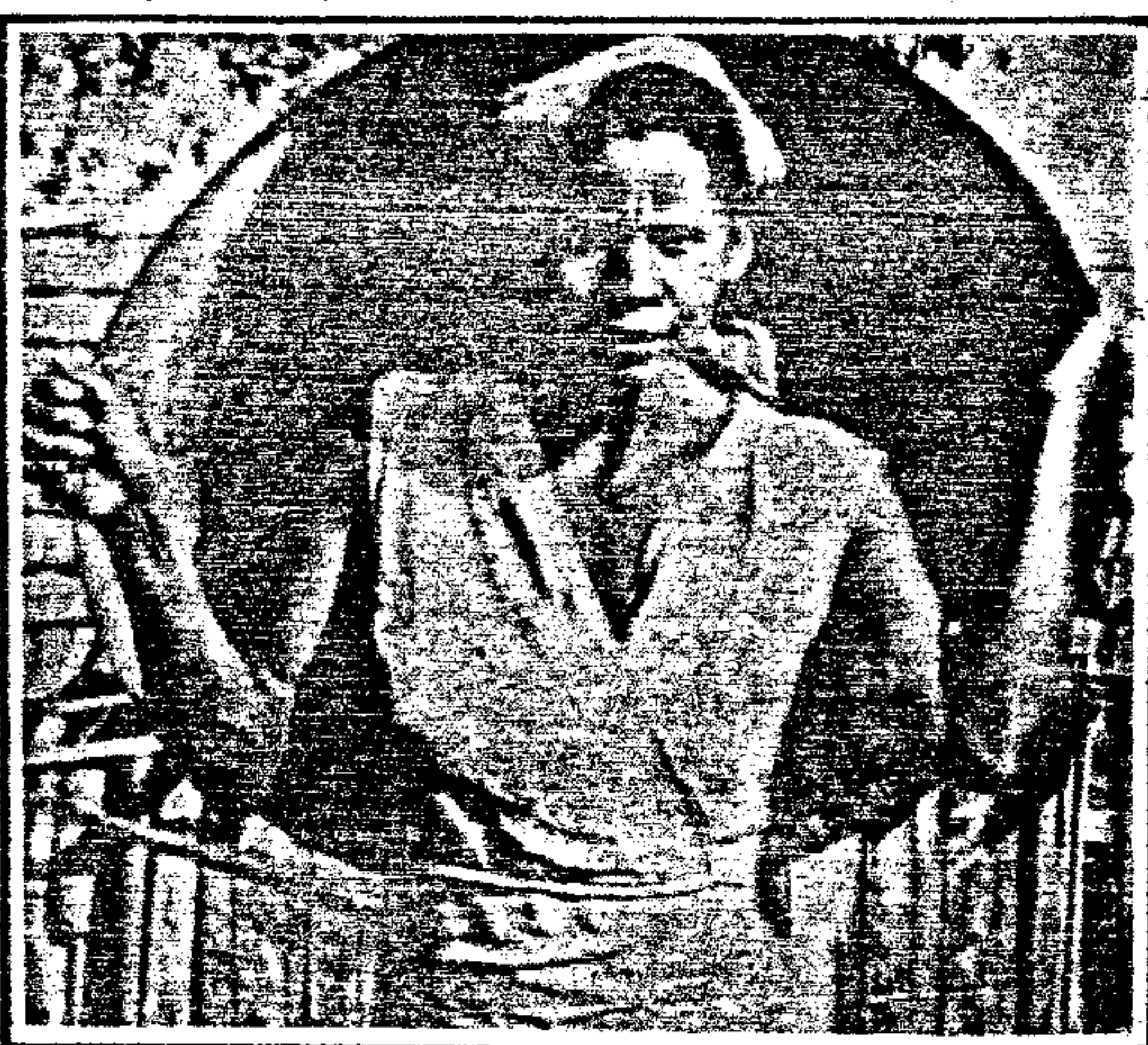
— O Estado (sociedade política) cumpre a função de aparelho de manutenção da ordem estabelecida, apoiado em seus mecanismos de defesa, como seja a polícia e o exército.

A ação permanente destas duas formas de dominação corresponde à necessidade de assegurar a existência, legitimidade e durabilidade do sistema. A classe dirigente não pode se impor unicamente através da força, as leis não podem ser espontaneamente aceitas. Requer-se então uma organização ideológica tal que possa permitir o exercício da dominação naturalmente, como algo externo à consciência; requer-se também interiorizar uma concepção do mundo, uma cultura, universalizar valores e meios culturais; requer-se, finalmente, a unificação da ideologia difundida pelos diferentes mecanismos e instrumentos da sociedade civil. É aqui onde a família desempenha um papel-chave.

Não é o agrupamento familiar enquanto relação humana natural, com fins de reprodução e/ou inter-relação afetiva, o que por si só assume um papel ideológico. A função de reprodução (dadas as formas que assume em sua dinâmica interna) é o que permite justificar ideológica e materialmente a existência de outros papéis e funções, já não mais inerentes a uma relação humana natural, porém condicionados socialmente. Papéis que se legitimam e se convertem em naturais, mas que no fundo correspondem às necessidades econômicas, políticas e ideológicas de um sistema.

Nesse contexto, a mulher passa a ser um elemento vital. É necessário observar que este papel da mulher e da família nem sempre foi o mesmo. Porém, pode-se afirmar que tem-se adaptado progressivamente na evolução dos sistemas de dominação. Na Idade Média, por exemplo, a família tinha especificidades distintas, ocupava inclusive um papel importante na célula familiar e na sociedade à medida em que cumpria uma função produtiva real (aceita como real),

como o agrupamento familiar a partir das sociedades primitivas (no comunismo primitivo). Assim é que com o desenvolvimento das forças produtivas, na passagem para a sociedade agrária, vem aparecer o excedente econômico e com ele a propriedade privada. Isto conduziu, como sabemos, inevitavelmente, à divisão da sociedade em classes com interesses antagônicos. O surgimento da sociedade de classes introduz novas necessidades no tipo de relações humanas. Era necessário assegurar a herança carnal, a paternidade devendo ser reconhecida, a riqueza de classes ou castas privilegiadas ficando "em família". Regulamenta-se, assim, as relações sexuais monogâmicas. Necessita-se, portanto, de uma mulher que seja "propriedade individual", que assegure a educação dos filhos, isto é, dos futuros herdeiros. Além do mais, este "esquema" funciona para as clas-



ses oprimidas de maneira ótima: permite que ela se reproduza enquanto classe, permite que a recomposição da força de trabalho se efetue de maneira "natural" (e gratuitamente), assegurando a reprodução global do sistema. É isso o que marca o papel que a mulher assume na sociedade e que se o de ser mãe e esposa.

Este papel condiciona a mulher psicológica e ideologicamente. Assim, atribui-se a ela um papel "produtivo" natural e congruente com suas "aptidões biológicas" — o de ser dona de casa, mãe e esposa. Papel produtivo "mascarado" na medida em que não é em termos econômicos um papel que produza uma mercadoria; portanto, como tal, não tem valor. Todavia produz o necessário para manter e reproduzir a força de trabalho, para organizar a economia doméstica e manter o lar. Seu caráter produtivo real é mascarado à medida em que aparece como "natural" e inerente ao sexo feminino.

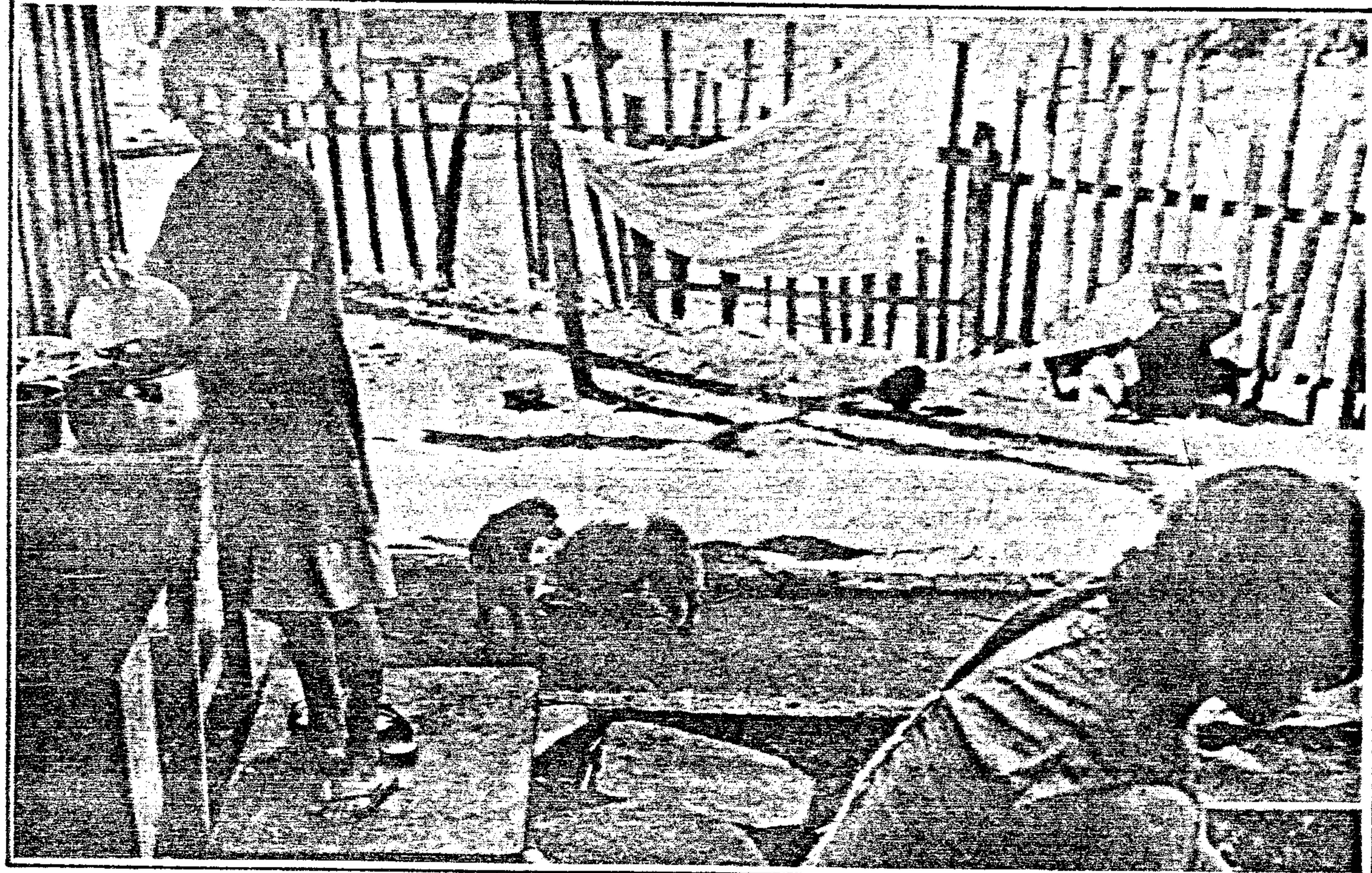
Cria-se, portanto, uma ideologia universal baseada no pressuposto de mitos iguais para todas as classes: uma mulher seja qual for sua condição de classe tem um papel

em manter seu papel, próprio e natural a sua condição de mulher.

Com isso convence-se a mulher em uma fiel defensora do sistema. Ela é a principal receptora e transmissora da ideologia dominante. Ela é, enfim, o baluarte mais firme da ideologia dominante.

Este condicionamento psicológico da mulher é realizado basicamente através da presença de determinados mitos que atuam diretamente para reforçar e legitimar ideologicamente seu papel adscrito.

O mito mais importante e que encerra parte decisiva da mitologia é o chamado "machismo". Este se refere a duas situações inter-relacionadas: de um lado, uma situação social de domínio e privilégio do homem sobre a mulher nos aspectos econômico, jurídico, político, psicológico e cultu-



ral, de outro, aos mitos de superioridade do homem no aspecto biológico, sexual, intelectual e emocional.

O machismo é ao mesmo tempo "uma situação social objetiva e a consciência subjetiva de que tal situação é natural e legítima. Para atingir a situação objetiva torna-se necessária a interiorização de normas e valores culturais machistas na sociedade.

Os papéis diferentes para ambos os sexos criam as condições objetivas para desenvolver normas, crenças e valores diferentes para ambos os sexos. No caso da mulher, o ser mãe e esposa como tarefa e função máxima, cria determinadas condições objetivas que se exprimem na interiorização de valores e crenças: condições muito específicas e distintas das do homem. Esta cultura machista interiorizada por ambos os sexos reforça e reproduz a condição objetiva de que a maioria das mulheres não tenha outros papéis importantes na vida.

O quadro abaixo expressa o conteúdo ideológico que une a mitologia machista. Conteúdo ideológico que

HOMEM	MULHER
<b>Categorias gerais</b> duro frio intelectual racional planejador independente valente (protetor) feio não chora dominante ativo egoísta	suave, doce sentimental prática intuitiva, subjetiva ordenada dependente covarde (protegida) bonita pode chorar (e deve!) submissa passiva abnegada
<b>Moral sexual</b> polígamo atirado infiel sádico O homem é político e a mulher é doméstica (apolítica)	monogama virgem, tímida fiel masoquista

Estes mitos não são assumidos em sua totalidade universalmente. Outros valores e mitos existem em outras sociedades, porém se adaptam integralmente à chamada "civilização ocidental cristã" e expressam a ideologia machista desta sociedade.

O mito é real, existe, e considera as características acima enumeradas como naturais, inerentes ao homem e à mulher, sem compreender que são reais porque condicionados ideologicamente.

A mulher, portanto, "tem" características psicológicas específicas, funcionais ao papel que lhe corresponde. E este papel tem tais conteúdos que a convertem objetivamente — dentro da família e da sociedade — no símbolo do status quo: A defesa deste status quo (a paz social, por exemplo, e a imobilidade das coisas) é a norma. Porém quando este estado de coisas está comprometido, a mulher pode inclusive sair de sua vida "doméstica" para defender "agressivamente", abertamente, o que supostamente se pretende tirá-lhe — o "reinado do lar". A situação descrita serve como uma luva à passeata das caçarolas, no Chile.

A família a seu encargo é a causa mais "nobre" e válida pela qual se deve manter a paz social. Ela aceita submissamente, abnegadamente, os sacrifícios, ela não pode interferir nem ter incidência nos assuntos alheios ao estreito mundo do lar ou da casa. A família, como tal, tem e cumpre um papel educador (educação reflexa), formado de indivíduos que vão integrar (e integram-se) à sociedade. A mulher em seu interior é o elemento catalizador, homogeneizador, decisivo.

**LEITOR(A):** Estamos publicando hoje uma edição especial sobre a condição da mulher na sociedade contemporânea. Ao tomarmos a iniciativa de abordar tal tema, tínhamos em mente duas opções: ou editar grandes textos de postura ideológica feminista, obras clássicas sobre a libertação do "segundo sexo" comportando uma análise crítica da condição da mulher no Brasil — e correremos o risco de mal atingir uma elite intelectual de mulheres da classe média que apenas começam a refletir sobre o assunto; ou então tomar como base nossa realidade local e regional, publicando textos mais modestos, porém não menos importantes à medida em que refletem o nível das inquietações da mulher no contexto imediato — e assim sensibilizarmos um público mais amplo, como deve ocorrer em tais circunstâncias. Pois a questão da mulher é assunto político e humano.

Um outro acontecimento veio pesar sobre nossa decisão: o debate, em comemoração ao Dia Internacional da Mulher (8 de março), realizado na noite de sábado retrasado, sobre "A Mulher e o Trabalho", lotando o auditório da Secretaria de Educação e Cultura, quando sete mulheres apresentaram seus depoimentos, analisando a questão a partir de suas experiências vividas, para, no final, discutirem uma proposta de criação de um Circulo de Mulheres em Londrina.

Entre as participantes, estavam a vereadora Vera Manela, do MDB, as professoras Benedita Pini e Benedita Marques (analisando as dificuldades da



mulher no magistério), a jornalista Dulcinéia Novaes Felizardo (a mulher na imprensa), a médica Bárbara Turini (a mulher na medicina), a socióloga Neusa Cordoni (a mulher e o trabalho) e a auxiliar de enfermagem Beatriz Xavier (os problemas nessa profissão). Coube a nós a proposta de criação de um Circulo em Londrina por acreditarmos que tão importante quanto os relatos e as denúncias seria comemorar o 8 de março com uma proposta concreta e conseqüente, que possibilitasse às mulheres se aglutinarem, discutirem, refletirem, agirem em torno de um programa de ação-reflexão e isto durante o ano inteiro e não em função de uma data.

Dentro desse contexto, o resultado é uma edição desprezenciosa, onde à exceção das páginas 6 e 7, o(a) leitor(a) encontrará um dossiê elucidativo sobre o porquê do feminismo e a partir de uma análise realizada por mulheres chilenas sobre o papel específico que cumpre a mulher na sociedade capitalista; uma leitura de poetisas brasileiras engajadas à nossa realidade; dois textos sobre Ch'iu Chin e Alexandra Kollontai; as mulheres na fotografia, bem como nas Ciências; e, finalmente, textos de Maria de Lourdes Leite e Neusa Cordoni, além de nossas propostas para discussão, fundação, funcionamento e objetivos de um Circulo Feminista em Londrina. No mais, boa leitura!

LINDA BULIK

# O papel específico da mulher: das origens aos dias de hoje

O papel da mulher no interior da família e os mitos que sobre sua condição existem são necessários e funcionais ao tipo de família que se necessita para convertê-la em agente catalizador e ideológico de reprodução e manutenção do sistema.

A ideologia dominante — concepção do mundo da classe dirigente — deve penetrar, difundir-se e legitimar-se em toda a sociedade. "Não existe sistema social, onde o consenso sirva de única base hegemônica, nem Estado onde um mesmo grupo social possa manter duradouramente sua dominação sobre a base da pura coerção" — diria Gramsci.

produzia bens de troca (trabalhava no campo e na manufatura).

Porém, a grosso modo, pode-se sintetizar a evolução que sofreu o agrupamento familiar a partir das sociedades primitivas (no comunismo primitivo). Assim é que com o desenvolvimento das forças produtivas, na passagem para a sociedade agrária, vem aparecer o excedente econômico e com ele a propriedade privada. Isto conduziu, como sabemos, inevitavelmente, à divisão da sociedade em classes com interesses antagonicos. O surgimento da sociedade de classes introduz novas necessidades no tipo de relações humanas. Era necessário assegurar a herança carnal, a pa-

Das características psicológicas é determinado o traço de "natureza ideal" para desempenhar seu papel, próprio e natural a sua condição de mulher.

Com isso converte-se a mulher em uma fiel defensora do sistema. Ela é o principal receptora e transmissora da ideologia dominante. Ela é, enfim, o baluarte mais firme da ideologia dominante.

Este condicionamento psicológico da mulher é realizado basicamente através da presença de determinados mitos que atuam diretamente para reforçar e legitimar a ideologia dominante.

o condicionamento se converte em algo próprio ao seu sexo:

HOMEM	MULHER
Categorias gerais	
duro	suave, doce
frio	sentimental
intelectual	prática
racional	intuitiva, subjetiva
planejador	ordenada
independente	

# Mulheres/Saúde/Trabalho

A partir de 1961, ano em que se publicou o livro de Betty Friedan, "A Mulher Feminista", começaram a aparecer nos Estados Unidos, entre outras publicações relacionadas com o problema de inserção da mulher na força de trabalho, certo número de estudos sobre sua participação na atividade científica. Característico dessa época e, seguramente, precursor foi o artigo de Alice B. Rossi publicado na revista Science sob o título "Women in Science: Why so few?". Com efeito, tendo contribuído com 65% para o aumento da mão-de-obra entre 1950 e 1960, apenas 26% desse total correspondeu a carreiras profissionais e técnicas. Mas ainda, a participação da mulher diminuiu em muitas disciplinas das ciências naturais. Em química, por exemplo, decresceu de 10% em 1950 a 8,6% em 1960; em física, de 5,5% a 4,2% no mesmo período. A queda mais espetacular se deu nas matemáticas — onde sua participação diminuiu de 38% a 25,4 por cento. No período considerado a contribuição da mulher ao cultivo das ciências naturais alcançava apenas a 10 por cento.

A atuação feminina na pesquisa científica é maior em certos países da Europa, como a França e os países socialistas. Na União Soviética, em 1965, 32% dos trabalhadores científicos eram mulheres e em países como Hungria e a Polónia essas percentagens chegam hoje a, respectivamente, 21,7% e 28,3 por cento. Na França, o CNRS (Centre National de la Recherche Scientifique), que é o grande empregador no campo da pesquisa, conta, entre seus colaboradores, com 31,6% de mulheres, das quais 30,8% se dedicam às ciências exatas e 36,5% às ciências humanas.

A razão destas diferenças se explica pelo fato de que, nos países europeus acima citados, o pesquisador científico é um funcionário do Estado e também porque, em todos eles, a legislação é suficientemente moderna, impedindo uma discriminação ostensiva quanto ao sexo. Nos países socialistas isto é assim, não só porque um dos objetivos da Revolução foi a promoção feminina, senão porque sua contribuição como força de trabalho era indispensável para a construção da nova sociedade em todos os campos. A União Soviética, particularmente, tendo passado sucessivamente por enormes provações, como a Grande Guerra (1914/1918), seguida da intervenção estrangeira, da penúria dos anos vinte e da Segunda Guerra Mundial, exigiu de seu povo um enorme esforço de reconstrução a que as mulheres não podiam ficar alheias, mesmo porque elas representavam a metade da população.

Por outro lado o sistema educacional francês permitiu, desde cedo a entrada das mulheres nas escolas como professoras de nível secundário. Seu ingresso na carreira do magistério foi facilitada pela obtenção da agregação, mediante um concurso de alto nível e extremamente competitivo.

Não se deve perder de vista, tampouco, que uma maior participação das mulheres nas atividades científicas — e em outras que requerem dedicação prolongada — se prende à existência de certas facilidades, como creches e jardins de infância, que possibilitam a socialização de uma parte das tarefas que demanda o cuidado dos filhos. Até pouco tempo, esse tipo de serviço não era muito difundido nos Estados Unidos. A mulher francesa, ao contrário, conta com mão-de-obra barata proporcionada pelos imigrantes norte-africanos ou portugueses, o que lhe permite libertar-se parcialmente das ocupações de casa.

Coincidindo com o ressurgimento do movimento feminista nos Estados Unidos — e em função dele, seguramente — uma série de estudos, inquéritos e testemunhos, apresentados em contínuas, foi mostrando as diferentes formas de discriminação de que as mulheres eram objeto por parte da comunidade científica. Tornaram-se patentes, desta forma as maneiras abertas ou encobertas de desvalorizar as mulheres de realizar uma carreira científica, ou então, no caso de persistirem em tal objetivo, de relegá-las a posições secundárias. Isto sem contar o grande número de casos em que recebiam um salário menor que o dos homens por igual trabalho.

Nada sabemos sobre as reivindicações das mulheres dos países socialistas. As francesas, como suas colegas norteamericanas têm motivos de reprovação ao sistema vigente, não só quanto ao recrutamento como também à falta de estímulo e apoio. Aqui e lá começam a surgir manifestações de insatisfação e protestos. Elas se tornaram parentas durante um recente seminário sobre "Matemáticas, matemáticos e sociedade" dirigido pelo professor Pierre Samuel em Orsay (França) em que se debateu o problema das mulheres no ambiente matemático.

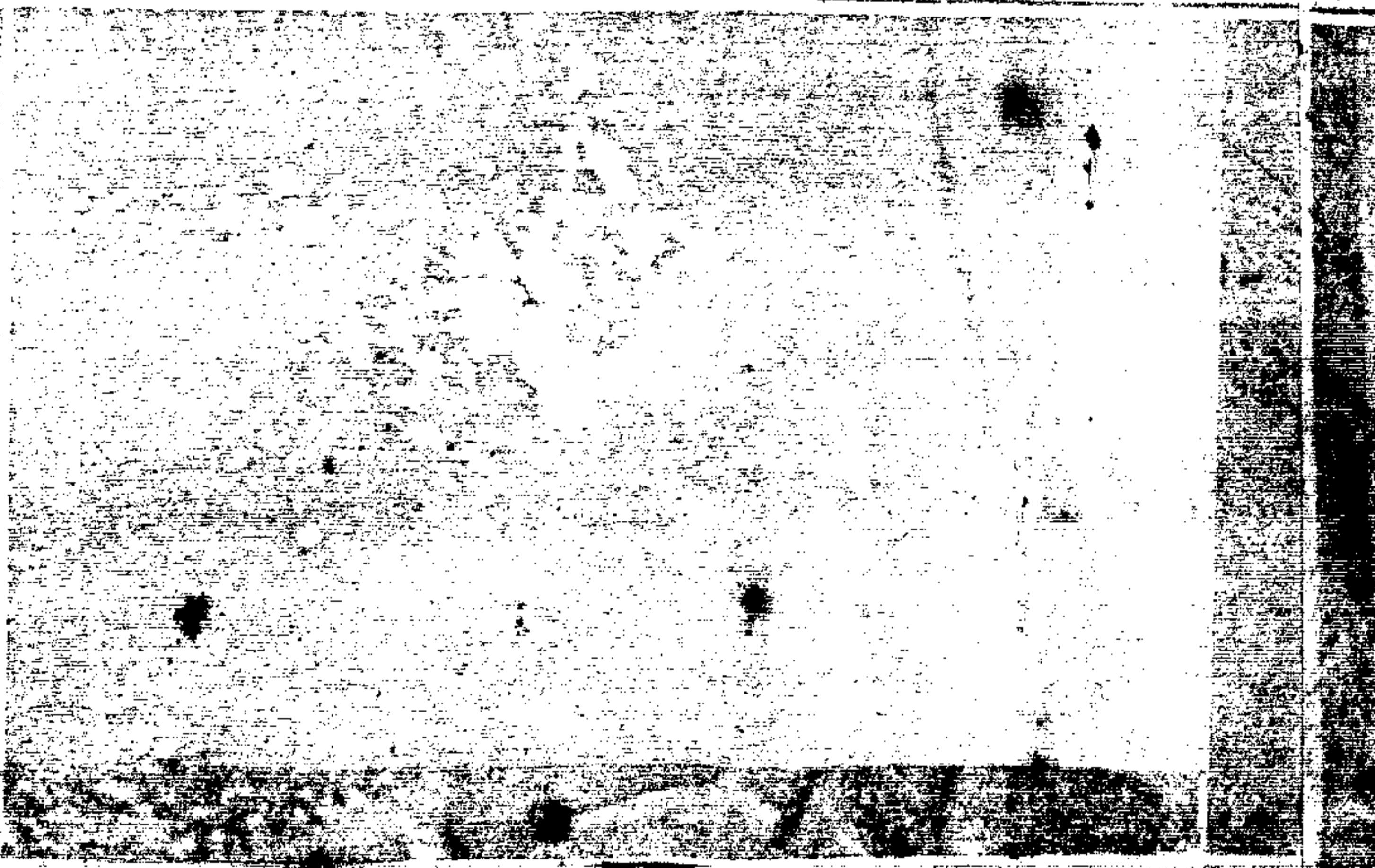
Um dos maiores ressentimentos das mulheres é a falta de oportunidades de crescimento profissional. Muitas vezes, elas são relegadas a posições secundárias e a tarefas menos importantes. O processo de socialização do indivíduo consiste em, por um lado, dele estereótipos aos quais é impelido a conformar-se. Os papéis de gênero são a família, a escola e a sociedade. O processo de socialização do indivíduo consiste em, por um lado, dele estereótipos aos quais é impelido a conformar-se. Os papéis de gênero são a família, a escola e a sociedade. O processo de socialização do indivíduo consiste em, por um lado, dele estereótipos aos quais é impelido a conformar-se. Os papéis de gênero são a família, a escola e a sociedade.

Normalmente, cada criança, menino ou menina, desenvolve certos papéis para o seu bem-estar físico e para ter consciência de si existir. E quanto esta dependência é aceita como tendência natural, a menina, ela é vista como "feminina" nos meninos, os quais não encorajados a rejeitá-la. O menino "aprende" sua masculinidade enquanto menina chega até a puberdade levando dentro de si atributos "femininos", isto é, a dependência, sem qualquer esforço de aprendizagem, passando a ser este um de seus atributos "naturais". Enquanto ela começa muito mais tarde a desenvolver sua autonomia ou a buscar sua identidade. Se o fizer precocemente será invariavelmente freada.

A agressividade, por outro lado, parece ser um traço que certo por ter ligado a algum caráter genético masculino. Entretanto, ao passo que a agressividade é permitida e até mesmo estimulada entre os meninos, nas meninas o que se aceita é a passividade e a dependência. Qualquer diferença inata é tornada durante o processo de socialização. Como as escolas são ambientes conformistas em que a menina, já habituada à passividade, pode manifestar suas qualidades intelectuais melhor que o menino, ela sobressai nas tarefas para as quais possui mais precoce aptidão verbal, cálculo numérico e leitura. Assim, durante toda a etapa escolar até a puberdade as meninas competem em pé de igualdade com os meninos e são recompensadas por isso.

## A CONQUISTA DA FEMINILIDADE

A partir da puberdade, a "feminilidade" passa a ser um atributo que a mulher deve conquistar. Seus êxitos na escola começam a ser percebidos como negativos e qualidades como independência e emulação que poderiam se desenvolver são reprimidas em nome de uma possível ameaça às relações heterossexuais. Agora, a mais importante fonte de estima deixam de ser os pais para passar a ser o outro sexo. Na adolescência como na infância, a maior parte das meninas compete em pé de igualdade com os outros para auto-afirmar-se. Como não desenvolvem



seu próprio jeito. Esta é a situação de crianças de ambos os sexos — de meninas e de meninos — quando entram na vida profissional — não é o objetivo. Ela é o resultado de maneiras encobertas na personalidade e desconfiança com que as mulheres se relacionam entre si, criando ansiedade e exigindo novos esforços para assegurar-se o afeto dos outros. "Se uma mulher encontra o homem ideal através do qual ela pode realizar-se, todas as outras mulheres se tornam suas inimigas, porque caso ela o perca, ela perde sua própria razão de ser".

Todos os fatores acima mencionados — a necessidade de agradar, a ambivalência, e o conflito, a agressividade dissimulada contra suas irmãs do mesmo sexo, a necessidade de elidir o êxito condicionado o comportamento da mulher em sua vida profissional e inibem o desenvolvimento harmonioso de sua personalidade. Se muito excepcionalmente ela poderá alcançar o estado de disponibilidade e demonstrar a audácia que a atividade criadora exige. Nestas circunstâncias, o que caracteriza a mulher é uma certa perplexidade e timidez e a sensação angustiosa de estar sendo tiranizada por impulsos contraditórios. Muito dificilmente estará preparada para enfrentar as exigências do trabalho científico que, como vimos, requer a concentração de todas as energias intelectuais num único objetivo.

Como não podem escapar à tirania da mística feminina ou ao trabalho doméstico que as constrange, muitas mulheres — como já observava Tamar — acabam realizando tarefas inferiores às suas qualificações. Por outro lado, a interiorização da "missão" de esposa e mãe, como destino biológico, faz com que se sintam duplamente culpadas: por não poderem ocupar-se de forma permanente do lar e dos filhos e porque não se sentem felizes realizando tarefas tradicionalmente femininas. Este sentimento de culpa as torna menos produtivas do que seria de esperar nas disciplinas para as quais têm predisposição e talento. Tendo um rendimento menor que o esperado por seus próprios dons, elas estabelecem uma relação de causa e efeito e deduzir daí que não se sentem suficientemente motivadas porque sua vocação "natural" as solicita mais profundamente.

Alargado o processo de socialização, que tende a adaptar as mulheres ao estereótipo feminino e a limitar suas ambições, muitas delas persistem em levar a cabo uma carreira científica, por exemplo, inúmeros são os obstáculos que encontram em seu caminho. Por um lado, o estereótipo é usado para justificar as dificuldades interpostas em seu recrutamento e promoção: sempre se usará o argumento de que têm menos capacidade de dedicação que os homens, posto que a maternidade e o cuidado dos filhos exigem parte de suas energias. Por outro lado, cada vez que fossem capazes de competir em pé de igualdade com os homens, o êxito que pudessem alcançar seria desvalorizado por ter sido logrado por uma mulher e considerado uma façanha intelectual se conseguido por um homem.

Tomemos um exemplo recente: o ingresso à Escola Politécnica de Paris foi sempre considerado uma prova de talento matemático e, por-

Só as próprias mulheres podem mudar o seu atual estado de subordinação. A tarefa pode parecer enorme, e os meios

## LIMITAÇÃO DE OPORTUNIDADES

As mulheres têm grande dificuldade de inserir-se neste sistema de iniciação, patrocínio e círculos. Como a comunidade científica é essencialmente masculina, na sua qualidade de membros adventícios, elas são recebidas com certa reserva. Não se lhes facilita a iniciação, não que são objeto de preconceito e de desconfiança quanto à solidez de sua vocação. Por outro lado, qualquer estímulo que recebem de seus superiores — geralmente homens — desperta suspeitas. Qualquer trabalho realizado em colaboração com um patrocinador masculino será considerado como de exclusiva responsabilidade deste último.

Enquanto que no caso de um jovem pesquisador, o prestígio do patrocinador garantiria os méritos do patrocinado, em se tratando de uma jovem pesquisadora, esse prestígio lhe é intransferível. A atribuição ao homem, exclusivamente, dos méritos da criação ocorre até mesmo quando as mulheres contam com mais experiências e prestígio. Para citar novamente Leonine-Rinquet: "No caso de Pierre e Marie Curie, Pierre Curie foi o criador, aquele que com seu gênio estabeleceu novas leis da Física. Marie se destacava por outras qualidades: o caráter, a tenacidade excepcional, a precisão, a paciência".

Mas as mulheres se ressentem também de discriminação por serem admitidas como vários trabalhos recentes nos Estados Unidos tem demonstrado. Todos eles provam que, embora as mulheres trabalhem e produzam em pé de igualdade com os homens, têm mais dificuldades em encontrar uma posição, menos possibilidades de promoção e menor número de cargos de supervisão. Percebem, além disso, menores salários e este desnível cresce com o grau de educação, a posição social e a antiguidade. Mais importante ainda é a discriminação observada na atribuição de bolsas ou ajudas para realizar pesquisas. Das 827 bolsas de estudo que a Fundação Alfredo P. Sloan distribuiu entre 1955 e 1971, somente duas foram concedidas a mulheres.

Na França, onde o sistema, como dissemos, não faz discriminação quanto a salário ou sexo, observa-se, como nos Estados Unidos, um número menor de mulheres em cargos de direção ou de maior responsabilidade.

A que conclusão se pode chegar depois do que acabamos de dizer? Os obstáculos que se antepõem às mulheres em suas carreiras científicas, ou em qualquer outra atividade criadora não serão removidos enquanto as tarefas consideradas "essencialmente" femininas continuarem sendo depreciadas. Tudo que as mulheres consigam conquistar passará invariavelmente a ser marcado por esse "cunho original" da servidão doméstica.

Enquanto a sociedade mantiver uma escala de valores em que as tarefas masculinas, por exceção, sejam consideradas superiores às tarefas destinadas às mulheres, inferiores, todas as atividades em que estas possam notabilizar-se passarão a ser desprestigiadas. Não importa em que a mulher se afirme ou que ela "invente" e seja considerada de menor prestígio, menos meritória, menos criativa, mereça por exemplo, o prêmio Nobel ou não, se a sua contribuição não for reconhecida e valorizada na União Soviética onde 70% dos cargos de direção são ocupados por mulheres.

Nada sabemos sobre os estereótipos das sociedades menos desenvolvidas o que se pode inferir dos fatos. Eles permitem visualizar a maneira que pouco a pouco a missão biológica específica da mulher, na sociedade primitiva e poder dentro da comunidade. Mas estes estereótipos são, certamente, uma influência negativa no trânsito à sociedade patriarcal. Que esta mudança não foi fácil se pode ver pelo fato de que ela não foi imposta pela força e a violência, passando o patriarcal a ser fruto de vida e morte sobre sua esposa e sua prole.

A sociedade sofreu profundas transformações desde o tempo em que imperava o tirânico e poderoso patriarcal bíblico. Grandes revoluções sacudiram a humanidade, mas a servidão feminina ancestral persistiu — de forma atenuada, é certo — conservando, porém, o estigma

... e a imagem do "homem de ciência" imposta à nossa sociedade e que não vem dos próprios cientistas, exatamente, é do homem em busca da verdade. Ou seja, um indivíduo inteiramente livre de preconceitos que observa a natureza, examina os fatos com objetividade, sem se deixar afetar por outra realidade que não a dos próprios fatos. Este estereótipo pouco tem a ver, naturalmente, com o pesquisador científico de carne e osso. Mesmo considerando que a ciência em si é um campo aberto à busca da verdade, o cientista como tal não é um explorador isento. Na maior parte dos casos já sabe, mais ou menos a priori, os resultados a que deverá chegar.

A educação científica inculca no indivíduo um compromisso tácito com um modo de observar a natureza e de aplicar o conhecimento. Coloca diante de si problemas passíveis de estudo e as soluções aceitáveis. Kuhn mostrou que o que caracteriza a trajetória do empreendimento científico é o fato de fazer-se através de "paradigmas". Um paradigma é uma realização científica fundamental que inclui a teoria e algumas aplicações exemplares da mesma aos resultados de um experimento. A superação de um paradigma, por outro é levada a cabo por meio de uma "revolução científica", tais como as provocadas por Lavoisier, Darwin ou a mecânica quântica, por exemplo. Uma vez provada a validade do paradigma ele é aceito pela comunidade científica, e seus membros não procuram mais substituí-lo por outro.

## A CRIATIVIDADE NA CIÊNCIA

... e a imagem do "homem de ciência" imposta à nossa sociedade e que não vem dos próprios cientistas, exatamente, é do homem em busca da verdade. Ou seja, um indivíduo inteiramente livre de preconceitos que observa a natureza, examina os fatos com objetividade, sem se deixar afetar por outra realidade que não a dos próprios fatos. Este estereótipo pouco tem a ver, naturalmente, com o pesquisador científico de carne e osso. Mesmo considerando que a ciência em si é um campo aberto à busca da verdade, o cientista como tal não é um explorador isento. Na maior parte dos casos já sabe, mais ou menos a priori, os resultados a que deverá chegar.

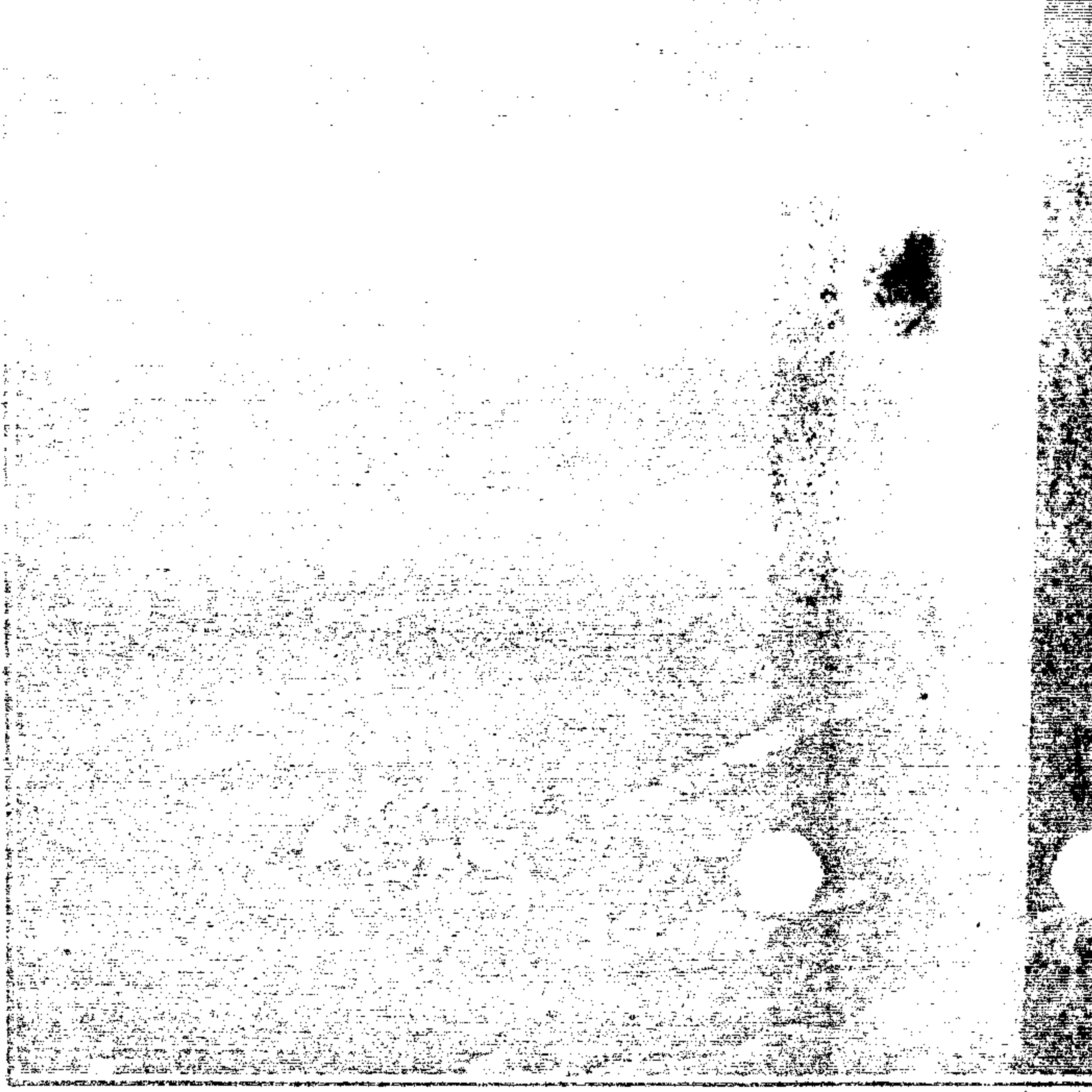
A educação científica inculca no indivíduo um compromisso tácito com um modo de observar a natureza e de aplicar o conhecimento. Coloca diante de si problemas passíveis de estudo e as soluções aceitáveis. Kuhn mostrou que o que caracteriza a trajetória do empreendimento científico é o fato de fazer-se através de "paradigmas". Um paradigma é uma realização científica fundamental que inclui a teoria e algumas aplicações exemplares da mesma aos resultados de um experimento. A superação de um paradigma, por outro é levada a cabo por meio de uma "revolução científica", tais como as provocadas por Lavoisier, Darwin ou a mecânica quântica, por exemplo. Uma vez provada a validade do paradigma ele é aceito pela comunidade científica, e seus membros não procuram mais substituí-lo por outro.

O "homem de ciência" pode ser definido, portanto, como um membro de uma comunidade que compartilha um paradigma. Os membros dessa comunidade buscam o "progresso do saber" e também a "visibilidade". A recompensa do pesquisador é o reconhecimento de seus pares. A satisfação pessoal que todo cientista pode obter, quando os resultados de suas pesquisas se ajustam ao paradigma, carecem de valor para ele na medida em que esses resultados não são socializados. Possivelmente nisto ele se aproxima do artista, embora este último pretenda, acima de tudo, o aplauso do público em geral. Entretanto, mais importante que chegar a um bom resultado científico é logr-lo antes que os outros o façam. O afã de obter crédito por parte dos membros da comunidade científica torna necessário chegar primeiro. Daí o trabalho científico realizar-se na base da competição. Recompensa e competição estão estreitamente ligadas.

Dada a natureza particular do trabalho científico, efetuado dentro do paradigma e da necessidade de competir pela prioridade dos resultados, o pesquisador muito criativo não é, necessariamente, o mais inteligente, embora tenha que ser dotado de uma inteligência superior à média, como se deduz do estudo feito por Ann Roe sobre "homens de ciência" eminentes. O que se exige dele, efetivamente, é uma extraordinária tenacidade unida a uma intensa concentração de todas as suas energias mentais voltadas a seu trabalho. Inteligência e imaginação não são suficientes para fazer um bom cientista. Exige-se uma grande dedicação ao trabalho e um enorme afã. A imagem do criador vagabundo, abandonado a seus sonhos que nos foi transmitida pela literatura, não se aplica facilmente ao criador científico.

Cabe colocar agora a questão: as mulheres estão intelectualmente equipadas para desempenhar uma atividade criativa no campo da ciência? Já em 1947, L. M. Terman, num estudo psicológico sobre o desenvolvimento mental de 1300 crianças superdotadas intelectualmente cuja evolução acompanhou durante vinte anos, mostrou que outros fatores além da inteligência intervieram para determinar a carreira do indivíduo. Um dos fatores mais importantes era o sexo. Apesar de que, segundo suas observações, as mulheres iguaissem ou mesmo superassem os homens durante o período escolar e universitário, deixavam de competir com eles, depois, no mercado de trabalho. Ou se casavam, abandonando toda preocupação que não fosse a família e os filhos ou buscavam empregos inferiores às suas qualificações. Terman sugeriu que tal comportamento se devia não à falta de dotes intelectuais na mulher mas sim à limitação de oportunidades ou outras motivações.

... e a imagem do "homem de ciência" imposta à nossa sociedade e que não vem dos próprios cientistas, exatamente, é do homem em busca da verdade. Ou seja, um indivíduo inteiramente livre de preconceitos que observa a natureza, examina os fatos com objetividade, sem se deixar afetar por outra realidade que não a dos próprios fatos. Este estereótipo pouco tem a ver, naturalmente, com o pesquisador científico de carne e osso. Mesmo considerando que a ciência em si é um campo aberto à busca da verdade, o cientista como tal não é um explorador isento. Na maior parte dos casos já sabe, mais ou menos a priori, os resultados a que deverá chegar.



... e a imagem do "homem de ciência" imposta à nossa sociedade e que não vem dos próprios cientistas, exatamente, é do homem em busca da verdade. Ou seja, um indivíduo inteiramente livre de preconceitos que observa a natureza, examina os fatos com objetividade, sem se deixar afetar por outra realidade que não a dos próprios fatos. Este estereótipo pouco tem a ver, naturalmente, com o pesquisador científico de carne e osso. Mesmo considerando que a ciência em si é um campo aberto à busca da verdade, o cientista como tal não é um explorador isento. Na maior parte dos casos já sabe, mais ou menos a priori, os resultados a que deverá chegar.

O processo de conformação da mulher com o estereótipo não termina aí. Se ela é levada a deixar de competir com os homens no terreno intelectual para parecer-lhes mais atraente, a sociedade lhe oferece um sucedâneo: a sublimação de suas aspirações na "ternura" do amor conjugal. Todos os seus desejos e ambições concentram-se no êxito de sua vida conjugal, nas realizações do seu marido e no sucesso de seus filhos. Isto explica em parte a razão pela qual, como observa Terman, "a dedicação exclusiva da mulher aos afazeres domésticos subtrai às artes e à ciência uma grande parte dos gênios que, de outra forma, se teriam dedicado a elas".

Apesar disto, muitas mulheres alta ou moderadamente dotadas do ponto de vista intelectual, não deixam de dedicar-se a alguma atividade criativa, enfrentando os conflitos a que isto as expõe. Conflito entre a vocação (e a satisfação que a sua realização nela lhes dá) e a necessidade de conformar-se ao estereótipo feminino. Embora os homens também encontrem gratificação na felicidade conjugal e nos filhos, cabe à mulher atendê-los quando pequenos e, ao mesmo tempo, responsabilizar-se por todas as tarefas domésticas rotineiras. Estas tarefas consomem muito tempo e são pouco estimulantes, ponto que a sociedade se considera subalternas e sua execução não exige nenhuma aprendizagem especial. Considerada essencialmente "feminina", o marido e os filhos esperam que a mulher as desempenhe. Qualquer contribuição da sua parte para aliviar essas obrigações "específicas" será considerada um ato de adoração e sacrifício.

## A MUSA INSPIRADORA

A necessidade de projetar suas aspirações nos outros, na outra forma de sublimação na imagem romântica da musa, influencia o comportamento do criador. Este tenta da musa a alteridade e a multiplicidade. A pesquisa é uma atividade que exige um envolvimento total: é "atividade solitária". Por outro lado, em sua necessidade de autoafirmação através do homem, as mulheres dirigem sua agressividade contra o

... e a imagem do "homem de ciência" imposta à nossa sociedade e que não vem dos próprios cientistas, exatamente, é do homem em busca da verdade. Ou seja, um indivíduo inteiramente livre de preconceitos que observa a natureza, examina os fatos com objetividade, sem se deixar afetar por outra realidade que não a dos próprios fatos. Este estereótipo pouco tem a ver, naturalmente, com o pesquisador científico de carne e osso. Mesmo considerando que a ciência em si é um campo aberto à busca da verdade, o cientista como tal não é um explorador isento. Na maior parte dos casos já sabe, mais ou menos a priori, os resultados a que deverá chegar.

... e a imagem do "homem de ciência" imposta à nossa sociedade e que não vem dos próprios cientistas, exatamente, é do homem em busca da verdade. Ou seja, um indivíduo inteiramente livre de preconceitos que observa a natureza, examina os fatos com objetividade, sem se deixar afetar por outra realidade que não a dos próprios fatos. Este estereótipo pouco tem a ver, naturalmente, com o pesquisador científico de carne e osso. Mesmo considerando que a ciência em si é um campo aberto à busca da verdade, o cientista como tal não é um explorador isento. Na maior parte dos casos já sabe, mais ou menos a priori, os resultados a que deverá chegar.

... e a imagem do "homem de ciência" imposta à nossa sociedade e que não vem dos próprios cientistas, exatamente, é do homem em busca da verdade. Ou seja, um indivíduo inteiramente livre de preconceitos que observa a natureza, examina os fatos com objetividade, sem se deixar afetar por outra realidade que não a dos próprios fatos. Este estereótipo pouco tem a ver, naturalmente, com o pesquisador científico de carne e osso. Mesmo considerando que a ciência em si é um campo aberto à busca da verdade, o cientista como tal não é um explorador isento. Na maior parte dos casos já sabe, mais ou menos a priori, os resultados a que deverá chegar.

## A SOCIALIZAÇÃO DO CIENTISTA

... e a imagem do "homem de ciência" imposta à nossa sociedade e que não vem dos próprios cientistas, exatamente, é do homem em busca da verdade. Ou seja, um indivíduo inteiramente livre de preconceitos que observa a natureza, examina os fatos com objetividade, sem se deixar afetar por outra realidade que não a dos próprios fatos. Este estereótipo pouco tem a ver, naturalmente, com o pesquisador científico de carne e osso. Mesmo considerando que a ciência em si é um campo aberto à busca da verdade, o cientista como tal não é um explorador isento. Na maior parte dos casos já sabe, mais ou menos a priori, os resultados a que deverá chegar.

... e a imagem do "homem de ciência" imposta à nossa sociedade e que não vem dos próprios cientistas, exatamente, é do homem em busca da verdade. Ou seja, um indivíduo inteiramente livre de preconceitos que observa a natureza, examina os fatos com objetividade, sem se deixar afetar por outra realidade que não a dos próprios fatos. Este estereótipo pouco tem a ver, naturalmente, com o pesquisador científico de carne e osso. Mesmo considerando que a ciência em si é um campo aberto à busca da verdade, o cientista como tal não é um explorador isento. Na maior parte dos casos já sabe, mais ou menos a priori, os resultados a que deverá chegar.

... e a imagem do "homem de ciência" imposta à nossa sociedade e que não vem dos próprios cientistas, exatamente, é do homem em busca da verdade. Ou seja, um indivíduo inteiramente livre de preconceitos que observa a natureza, examina os fatos com objetividade, sem se deixar afetar por outra realidade que não a dos próprios fatos. Este estereótipo pouco tem a ver, naturalmente, com o pesquisador científico de carne e osso. Mesmo considerando que a ciência em si é um campo aberto à busca da verdade, o cientista como tal não é um explorador isento. Na maior parte dos casos já sabe, mais ou menos a priori, os resultados a que deverá chegar.

... e a imagem do "homem de ciência" imposta à nossa sociedade e que não vem dos próprios cientistas, exatamente, é do homem em busca da verdade. Ou seja, um indivíduo inteiramente livre de preconceitos que observa a natureza, examina os fatos com objetividade, sem se deixar afetar por outra realidade que não a dos próprios fatos. Este estereótipo pouco tem a ver, naturalmente, com o pesquisador científico de carne e osso. Mesmo considerando que a ciência em si é um campo aberto à busca da verdade, o cientista como tal não é um explorador isento. Na maior parte dos casos já sabe, mais ou menos a priori, os resultados a que deverá chegar.

... e a imagem do "homem de ciência" imposta à nossa sociedade e que não vem dos próprios cientistas, exatamente, é do homem em busca da verdade. Ou seja, um indivíduo inteiramente livre de preconceitos que observa a natureza, examina os fatos com objetividade, sem se deixar afetar por outra realidade que não a dos próprios fatos. Este estereótipo pouco tem a ver, naturalmente, com o pesquisador científico de carne e osso. Mesmo considerando que a ciência em si é um campo aberto à busca da verdade, o cientista como tal não é um explorador isento. Na maior parte dos casos já sabe, mais ou menos a priori, os resultados a que deverá chegar.

... e a imagem do "homem de ciência" imposta à nossa sociedade e que não vem dos próprios cientistas, exatamente, é do homem em busca da verdade. Ou seja, um indivíduo inteiramente livre de preconceitos que observa a natureza, examina os fatos com objetividade, sem se deixar afetar por outra realidade que não a dos próprios fatos. Este estereótipo pouco tem a ver, naturalmente, com o pesquisador científico de carne e osso. Mesmo considerando que a ciência em si é um campo aberto à busca da verdade, o cientista como tal não é um explorador isento. Na maior parte dos casos já sabe, mais ou menos a priori, os resultados a que deverá chegar.

... e a imagem do "homem de ciência" imposta à nossa sociedade e que não vem dos próprios cientistas, exatamente, é do homem em busca da verdade. Ou seja, um indivíduo inteiramente livre de preconceitos que observa a natureza, examina os fatos com objetividade, sem se deixar afetar por outra realidade que não a dos próprios fatos. Este estereótipo pouco tem a ver, naturalmente, com o pesquisador científico de carne e osso. Mesmo considerando que a ciência em si é um campo aberto à busca da verdade, o cientista como tal não é um explorador isento. Na maior parte dos casos já sabe, mais ou menos a priori, os resultados a que deverá chegar.

## PESQUISA NA AMÉRICA LATINA

... e a imagem do "homem de ciência" imposta à nossa sociedade e que não vem dos próprios cientistas, exatamente, é do homem em busca da verdade. Ou seja, um indivíduo inteiramente livre de preconceitos que observa a natureza, examina os fatos com objetividade, sem se deixar afetar por outra realidade que não a dos próprios fatos. Este estereótipo pouco tem a ver, naturalmente, com o pesquisador científico de carne e osso. Mesmo considerando que a ciência em si é um campo aberto à busca da verdade, o cientista como tal não é um explorador isento. Na maior parte dos casos já sabe, mais ou menos a priori, os resultados a que deverá chegar.

... e a imagem do "homem de ciência" imposta à nossa sociedade e que não vem dos próprios cientistas, exatamente, é do homem em busca da verdade. Ou seja, um indivíduo inteiramente livre de preconceitos que observa a natureza, examina os fatos com objetividade, sem se deixar afetar por outra realidade que não a dos próprios fatos. Este estereótipo pouco tem a ver, naturalmente, com o pesquisador científico de carne e osso. Mesmo considerando que a ciência em si é um campo aberto à busca da verdade, o cientista como tal não é um explorador isento. Na maior parte dos casos já sabe, mais ou menos a priori, os resultados a que deverá chegar.

... e a imagem do "homem de ciência" imposta à nossa sociedade e que não vem dos próprios cientistas, exatamente, é do homem em busca da verdade. Ou seja, um indivíduo inteiramente livre de preconceitos que observa a natureza, examina os fatos com objetividade, sem se deixar afetar por outra realidade que não a dos próprios fatos. Este estereótipo pouco tem a ver, naturalmente, com o pesquisador científico de carne e osso. Mesmo considerando que a ciência em si é um campo aberto à busca da verdade, o cientista como tal não é um explorador isento. Na maior parte dos casos já sabe, mais ou menos a priori, os resultados a que deverá chegar.

... e a imagem do "homem de ciência" imposta à nossa sociedade e que não vem dos próprios cientistas, exatamente, é do homem em busca da verdade. Ou seja, um indivíduo inteiramente livre de preconceitos que observa a natureza, examina os fatos com objetividade, sem se deixar afetar por outra realidade que não a dos próprios fatos. Este estereótipo pouco tem a ver, naturalmente, com o pesquisador científico de carne e osso. Mesmo considerando que a ciência em si é um campo aberto à busca da verdade, o cientista como tal não é um explorador isento. Na maior parte dos casos já sabe, mais ou menos a priori, os resultados a que deverá chegar.

M

de vez em quando

# Duas feministas na linha de fogo: Alexandra Kollontai e Ch'iu Chin

JAMES FOX

**S**ó existem dois comunistas na Rússia", disse Julius Martov, um dos mais íntimos amigos de Vladimir Ulianov. "Lênin e Madame Kollontai". Alexandra Kollontai tornou-se Comissária para o Bem-Estar Social no primeiro Governo soviético, e assim a primeira mulher na História — pelo menos, era — que ela afirmava — a ser reconhecida como membro de um gabinete.

Com Trotski e Lunacharski, essa filha de um general czarista foi aclamada como um dos oradores mais populares da Revolução Russa. Radical inflexível, o objetivo de toda a sua vida foi nada menos que a completa liberação das operárias e a criação de uma nova moral sexual. O Status da mulher e da própria família, segundo Trotski, fora transformado num processo que "assumia formas mórbidas ou revoltantes ridículas ou trágicas".

Em tais condições caóticas, pouco havia que a Kollontai pudesse fazer como ministra, excet laborar novas leis. Ela conseguiu nacionalizar a maternidade e a assistência à criança, e depois ajudou a traçar leis que legalizavam o aborto. Mas as mudanças, como observou a historiadora Sheila Rowbothan, foram superficiais. "Os revolucionários falharam no momento mesmo em que essas mudanças externas começaram a penetrar na consciência".

A feroz batalha de Alexandra, dentro do Partido Bolchevista, pela libertação da mulher por sua libertação fazia parte da luta de classes, era encarada com desconfiança e hostilidade. Seus objetivos revelaram-se demasiado radicais para os bolchevistas. Embora Engels, Tro-

tski e Lênin, fazendo conferências e escrevendo. Em 1908, quase a ser presa por escrever um panfleto exortando a um levante armado na Finlândia contra o Governo russo, ela partiu para o Ocidente, viajando pela Europa e os Estados Unidos, e visitando celas de prisões na Alemanha e na Suécia. Em 1915, começou a corresponder-se com Lênin e juntou-se ao Partido Bolchevista.

Quando eclodiu a revolução de fevereiro de 1917, ela correu de volta à Rússia — um dos primeiros exilados a fazer isto — a tempo de esperar o trem lacrado que trazia Lênin e 30 camaradas, através de território inimigo, à Finlândia. Foi eleita membro do comitê executivo do soviete. Em agosto daquele ano, foi encarcerada pelo Governo liberal de Kerenski. Em setembro, organizou a primeira Conferência das Operárias, em Petrogrado. Em outubro, era Comissária do Bem-Estar Social. E tornara-se uma grande oradora.

Lênin reconheceu seus talentos dando-lhe o encargo, imediatamente após sua volta, de falar aos marinheiros nos vasos de guerra em Petrogrado. Ela conquistou-os sozinha com sua apaixonada retórica, e nesse meio tempo se apaixonou por Pavel Dibenko, o chargé do Partido Bolchevista pela frota do Báltico. Casaram-se em janeiro de 1918, "o mais famoso casal de amantes da Revolução de Outubro".

Mas as ligações amorosas de Alexandra eram sempre curtas. "Eu tinha de fugir", diz ela em relação a esse segundo marido. "Tinha de romper com o homem de minha escolha, porque senão (eu sentia subconscientemente) me teria exposto ao perigo de

tido ameaçavam os sindicatos, que eram a verdadeira voz do proletariado. Suas opiniões isolaram-na de todos os principais bolchevistas, mas Alexandra voltou ao ataque repetidas vezes, por mais de um ano.

A medida que ela caía em desgraça dentro do Partido, suas opiniões sobre a "nova mulher" e a "nova moral" que começara a defender no exílio, também passaram a ser acerbamente criticadas por seus companheiros, e, obviamente, pelos outros de fora. Ela usou a ficção como um meio de examinar os relacionamentos sexuais no período do pós-guerra.

Em Amor Vermelho, por exemplo, ela descreve três gerações de mulheres, que encontram, todas, uma vida sexual que se adequa às suas necessidades. Mas seus livros foram atacados pelos críticos do Partido como obras "que recendem a pornografia e esgoto". Ela adotou a teoria de que o sexo pode ser tão simples e sem complicações como beber um copo d'água.

Lênin, chocado com as opiniões de Alexandra, escreveu uma crítica famosa: "Isso... deixou nossos jovens loucos, inteiramente loucos... Creio que é completamente antimarxista, e além disso anti-social. Claro... a sede deve ser saciada. Mas o homem normal, em circunstâncias normais, se deitará no esgoto e beberá de uma poça, ou de um copo engordurado por muitos lábios?"

O longo exílio diplomático de Alexandra nada teve de notável, a não ser por seu trabalho para estabelecer a paz entre a Finlândia e a Rússia em 1940, o que foi encarado como um coup pessoal. A vida exauriu-a moral e física-

Ao amanhecer de 15 de julho de 1907, em Shao-hsing, província de Chekiani, Ch'iu Chin foi executada, aos 32 anos, por ter organizado um levante destinado a derrubar a dinastia Manchu, na China. Eram os primeiros dias dos revolucionários chineses, e os outros levantes esporádicos naquele ano foram tão fora de época como dela. Mas eram bastante para abalar o Governo e abreviar seu futuro a uns poucos anos.

A breve e dramática carreira de Ch'iu Chin foi mais espantosa porque ela nasceu numa sociedade confuciana, onde o papel da mulher, de dolorosa e total subserviência, dificilmente tinha sido contestado. Entre os radicais do incipiente movimento feminista, ela foi única, quando nada em um aspecto — que organizou sozinha a insurreição armada de toda uma província.

Em sua juventude, Mao reverenciou a tradição chinesa de herói-bandido. Pode-se dizer que Ch'iu o personificou, juntamente com a imagem do cavaleiro andante, inspirado por nobres ideais e voltado para o auto-sacrifício como o mais elevado exemplo de patriotismo.

Na tradição chinesa, o cavaleiro andante era muitas vezes mulher, tanto na História como na ficção. Ch'iu

putas verbais, e teve uma filha que se tornou a primeira aviadora da China.

Como modelo da revolucionária feminista e como heroína popular, o mito de Ch'iu Chin teve a distinção de sobreviver incontestado na China desde a sua morte. Contudo, no Ocidente ela é quase desconhecida.

Ela era a filha mais velha de uma família da classe média decadente, de Shao-hsing. Os seus eram estudiosos e liberais. Por exemplo, ela não foi sujeita a extremos como a compressão dos pés — a tradição de deformar dolorosamente os pés das meninas em nome da beleza.

O casamento arranjado de Ch'iu com Wang Ting Chun, de uma família conservadora, ocorreu relativamente tarde em sua vida, pelos padrões chineses. Quando ela se mudou com o marido para Pequim em 1900, ano da rebelião dos Boxers, reagiu fortemente à visível debilidade e corrupção dos governantes Manchus estrangeiros, que reinavam na China desde 1664. A visão das mulheres Manchu, pintadas como bonecas, enojava-a.

Ela tornou-se uma feroz nacionalista: os males que provocaram seu objetivo revolucionário de "restaurar

que parecia sem sentido.

O cenário político chinês mudava rapidamente. O fracasso do movimento reformista de 1898, após a guerra com o Japão, e a perseguição aos reformistas endureceram a oposição entre a burguesia educada e convenceram os moderados de que a mudança radical era a única resposta à desintegração da China. Nesse clima, em Pequim, Ch'iu leu literatura progressista, fez contato com mulheres radicais, absorveu idéias ocidentais. Ficou obcecada com a situação das mulheres chinesas, sobre a qual escreveria depois intensa e esclarecedoramente.

A atitude de Ch'iu em relação à vida de casada, nesse período, era respeitosa e tradicional. Dedicava seus talentos, sobretudo, à poesia. Em 1903, suas experiências haviam-se cristalizado numa única ambição ardente — salvar a China, através da revolução.

Comparada com essa missão heróica, a poesia e a vida doméstica pareciam trivialidades. A tradição confuciana punha a família antes do Estado, mas essa era a tradição que tinha de ser varrida. Ch'iu tomou a atitude quase sem precedentes de abandonar marido e filhos.

...a luta da mulher por sua libertação fazia parte da luta de classes, era encarada com desconfiança e hostilidade. Seus objetivos revelaram-se demasiado radicais para os bolchevistas. Embora Engels, Trotski e Lênin concordassem com a necessidade de libertar as mulheres da tirania da família patriarcal, esse era um problema marginal entre os marxistas ortodoxos. O fato de que Alexandra era muito bonita, se vestia com elegância, filha de general, era uma irritação a mais para ela. Juntou-se à oposição às tendências de Stálin, isolou-se politicamente, e durante os últimos 30 anos de sua vida permaneceu em desgraça esquecida, na década de 189...

Alexandra fora educada em casa, por uma governanta que tinha relações com revolucionários. "Já em criança eu criticava a injustiça dos adultos", ela escreveu. "E cedo tive olhos para as injustiças sociais que predominavam na Rússia." Revoltou-se contra a idéia de um casamento de conveniência, e casou-se, "movida por uma grande paixão", com seu primo, Vladimir Kollontai.

Sua felicidade durou três anos. Em 1896, ela visitou uma fábrica onde Vladimir instalava um sistema de ventilação, e seu horror diante das condições dos operários ali cristalizou-se numa "aliança com os marxistas" e na ação política. "Isto levou a divergências com meu marido, que achava que minhas inclinações constituíam um ato de desafio pessoal a ele", disse. Deixou marido e filho e foi para Zurique, estudar economia política, voltando um ano depois a São Petersburgo para juntar-se ao ilegal Partido Social Democrata. O casamento acabara.

Mais tarde, Alexandra escreveu: "O amor, com suas muitas decepções, com suas tragédias e eternas exigências de felicidade perfeita, ainda desempenhava um grande papel em minha vida. . . Apesar disso, nós, da geração mais velha, poderíamos ter criado e conseguido muito mais, se nossas energias não se houvessem fragmentado na eterna luta com nossos egos e com nossos sentimentos em relação aos outros. Foi, na verdade, uma eterna luta defensiva contra a intervenção do homem em nosso ego; uma luta que girava em torno do complexo problema: trabalho ou casamento e amor." "foi obrigada a cair

Alexandra eram sempre curtas. "Eu tinha de fugir", diz ela em relação a esse segundo marido. "Tinha de romper com o homem de minha escolha, porque senão (eu sentia subconscientemente) me teria exposto ao perigo de perder minha individualidade". Em 1921, ela punha seu prestígio a favor da Oposição operária, e apaixonava-se por Alexandr Shliapnikov. Os dois afirmavam que, sob a Nova Política Econômica de Lênin, a burocratização e o controle do Par-

O longo exílio diplomático de Alexandra nada teve de notável, a não ser por seu trabalho para estabelecer a paz entre a Finlândia e a Rússia em 1940, o que foi encarado como um coup pessoal. A vida exauriu-a moral e fisicamente, e ela ficou paraplégica após um ataque. Seus escritos reduziram-se significativamente após 1930. Ela voltou a Moscou em 1945, aos 72 anos, e morreu um ano antes de Stálin, em 1952. Sua morte não foi noticiada pela imprensa soviética.



Alexandra Kollontai: "Mulheres livres-se da submissão ao homem"

Na tradição chinesa, o cavaleiro andante era muitas vezes mulher, tanto na História como na ficção. Ch'iu Chin cavalgava como homem, era excelente com uma espada, fazia bombas, organizava exércitos secretos. Era também uma considerável poetisa, legendária por sua habilidade em dis-



Ch'iu Chin: "Outono chuva e vento de outono me farão morrer de mágoa"

Elas tornou-se uma feroz nacionalista: os males que provocaram seu objetivo revolucionário de "restaurar sozinha o país ancestral" foram a corrupção interna e o imperialismo vindo de fora. Tornou-se cada vez mais perturbada por ansiedade em relação à sua existência,

tradição que tinha de ser varrida. Ch'iu tomou a atitude quase sem precedentes de abandonar marido e filhos.

**RESTAURAR SOZINHA O PAIS ANCESTRAL**

A partir de 1906, quando, tendo-se exilado em Toquio, foi praticamente obrigada a retornar, Ch'iu tornou-se uma revolucionária ativista. Abriu um ramo da Sociedade Restauração, principal movimento revolucionário da época, e alugou uma casa em Hongkew, para começar a fabricar bombas. Sua inexperiência quase lhe foi fatal. Um dia, uma explosão fez tremerem as janelas do bairro, ferindo Ch'iu e um companheiro. Para grande surpresa deles, a polícia não apareceu.

Fez viagens exaustivas e difíceis pela província montanhosa de Chekiang, preparando um levante para coincidir com os de Hunan e Kiangsi no fim do ano. Ambos terminaram em desastre, com a execução de muitos de seus amigos. Irada e desesperada, ela retornou a Xangai e fundou um jornal feminista, O Jornal da Chinesa. Ch'iu deixou Xangai pela última vez em 1907, partindo para sua terra, Shao-hsing, para tornar-se diretora de escola Tat-ung. A essa altura, aos 32 anos, tinha controle total do movimento em Chekiang. O levante por ela organizado ali começou a 1º de julho, apesar de marcado para 8, e fracassou. Ch'iu foi torturada e interrogada, mas recusou-se a admitir que planejara uma revolução. Sua única declaração no tribunal, após ouvir a condenação à morte, foi um verso de poesia, escrito na sala e usando os caracteres de seu nome: "Outono chuva e vento de outono me farão morrer de mágoa". A 15 de julho, com o camisolão vermelho dos criminosos, foi decapitada com uma espada.